

**Ministério da Educação
Universidade Federal do Paraná
Setor de Tecnologia
Curso de Arquitetura e Urbanismo**

SARAH BUENO MENDES

CEMITÉRIO ECUMÊNICO

CURITIBA

2012

SARAH BUENO MENDES

CEMITÉRIO ECUMÊNICO

Monografia apresentada à disciplina
Orientação de Pesquisa (TA-040) como
requisito parcial para a conclusão do curso
de graduação em Arquitetura e Urbanismo,
Setor de Tecnologia, da Universidade
Federal do Paraná – UFPR

ORIENTADOR:

Prof. Dr. Paulo Barnabé

CURITIBA

2012

Folha de Aprovação

Orientador:
Prof. Dr. Paulo M. M. Barnabé.

Examinador:
Prof. Dr. Humberto Mezzadri.

Examinadora:
Prof^a. Dra. Eneida Kuchpil.

Monografia defendida e aprovada em:

Curitiba, _____ de _____ de 2012

Agradeço ao meu terapeuta Juliano Amui.

“Death is radically resistant to the order of representation. Representations of death are misrepresentations, or rather representations of an absence.” (Crichley, S. *Very Little...Almost Nothing: Death, Philosophy, Literature*)

RESUMO

Essa monografia faz parte de um trabalho de duas etapas, na qual a primeira é a elaboração teórica que servirá como embasamento para a seguinte, que será o desenvolvimento de um anteprojeto sobre a temática. A pesquisa discute questões relativas à morte e ao morrer, com enfoque na busca do sentido dos ritos mortuários por parte do homem, em especial aqueles de herança católica. O embasamento teórico apresentado inclui conceitos relativos aos aspectos técnicos legais e abstrato filosófico. A análise da realidade histórica dos cemitério em São Paulo e Curitiba busca vincular as noções de carga religiosa inconsciente com sua representatividade no espaço, para o futuro desenvolvimento de um cemitério ecumênico simbólico.

Palavras-chave: Cemitério, Morte, Ritos de passagem

SUMÁRIO

RESUMO	VI
SUMÁRIO	VII
1 INTRODUÇÃO	10
2 DELIMITAÇÃO DO TEMA	12
2.1 OBJETIVOS	13
2.1.1 OBJETIVOS GERAIS	13
2.1.2 OBJETIVOS ESPECIFICOS.....	13
2.2 JUSTIFICATIVA	14
2.3 METODOLOGIA DE PESQUISA	18
2.4 ESTRUTURA DO TRABALHO.....	18
3 ASPECTOS LEGAIS: NORMAS E LEGISLAÇÃO.....	20
3.1 INTRODUÇÃO	20
3.2 LEGISLAÇÃO FEDERAL	20
3.3 RESOLUÇÕES CONAMA.....	21
3.4 LEGISLAÇÃO ESTADUAL.....	23
3.5 LEGISLAÇÃO MUNICIPAL	24
3.6 COMPÊNDIO	24
4 CONCEITUACAO TEMATICA.....	26
4.1 EVOLUÇÃO HISTÓRICA DOS CEMITÉRIOS.....	26
4.1.1 INTRODUÇÃO	26
4.1.2 A DOAÇÃO DE TERRAS NA CIDADE MONACAL	26

4.1.3	IGREJAS-CEMITÉRIO.....	30
4.1.4	A TRANSIÇÃO.....	31
4.1.5	RELAÇÃO CEMITÉRIO-ENTORNO.....	36
4.1.6	SINCRONIA NO TEMPO-ESPACO DA MORTE.....	41
4.2	CONCLUSÃO.....	43
5	CONCEITUAÇÃO ACERCA DA MORTE E DO MORRER	47
5.1	ESPACIALIDADE.....	50
5.2	O SAGRADO E O PROFANO: DUAS MODALIDADES DE SER NO MUNDO	51
5.2.1	ACERCA DOS ESPAÇOS SAGRADOS.....	53
5.2.2	CONSAGRAÇÃO DE UM LOCAL	54
5.2.3	RITOS DE PASSAGEM.....	61
6	INTERPRETAÇÃO DA REALIDADE: OS CEMITÉRIOS DE CURITIBA..	65
6.1	HISTÓRIA SOBRE OS CEMITÉRIOS DO MUNICÍPIO DE CURITIBA	66
6.2	CEMITÉRIO MUNICIPAL SÃO FRANCISCO DE PAULA – SF.....	69
6.3	CEMITÉRIO MUNICIPAL DE SANTA CÂNDIDA – SC.....	73
6.4	CEMITÉRIOS PARTICULARES	74
6.4.1	PARQUE IGUAÇU	76
6.4.2	CEMITÉRIO PARQUE MEMORIAL DA VIDA:	77
6.4.3	CEMITÉRIO PARQUE SENHOR DO BONFIM:	80
6.4.4	CEMITÉRIO PARQUE MEMORIAL GRACIOSA:.....	80
6.4.5	CEMITÉRIO PARQUE JARDIM DA SAUDADE:	82
7	ESTUDOS DE CASO.....	86
7.1	CEMITÉRIO DE IGUALADA	86
7.2	TANATÓRIO MUNICIPAL DE LÉON – LÉON, ESPANHA	101
7.3	EXPANSÃO DO CEMITÉRIO DE ARMEA	112
8	DIRETRIZES GERAIS DE PROJETO	120

8.1	DIRETRIZES PROJETUAIS	120
8.2	PRÉ-PROGRAMA.....	123
8.3	TERRENO.....	125
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	130
	WEBGRAFIA.....	134
	FONTES DE ILUSTRAÇÃO	136

1 INTRODUÇÃO

A presente dissertação é fruto de um estudo desenvolvido na área cemiterial e, apesar de não ser a melhor escolha sob o ponto de vista ambiental, o cemitério ainda expressa melhor - por ter uma carga histórica-cristã e estar presente no que poderíamos chamar de inconsciente coletivo -, o rito e luto salutar de ser vivenciado. Ora, o maior motivo do sepultamento definitivamente não é de ordem mecânica, e sim de caráter ritual.

Deveríamos reinstaurar o culto aos mortos. Esta medida pode parecer antiquada para uma época que trata a morte com tanta ocultação, com tanta dissimulação, com tanta consciência de sua inutilidade e com tanto medo, em suma.

Porém, se meditarmos bem, compreenderemos que é uma necessidade perfeitamente atual. Não podemos permitir o suicídio de cortar as veias por onde circula o sangue da memória. Deveríamos honrar os mortos. Não tanto por eles, mas por nós mesmos. (ARGULLOF, 1996).

Os ritos se definem basicamente como o comportamento que usa o corpo para encontrar a ilusão do “como se”. Há, assim, hábitos “profanos” que se aparentam aos ritos: por exemplo o ritual do amor, que supõe colocação em situação idêntica, como se bastasse reatualizar um sistema de formas para o desejo se adaptar à realidade. No rito funerário, teatraliza-se a relação última com o falecido – materná-lo, honrá-lo.. -, fazer como se não houvesse morrido. O rito, de eficácia simbólica, procede de forças misteriosas. Por isso o rito é profano só na aparência, porque em última análise, abre-se para o sagrado.

O rito tranquiliza porque está situado fora do tempo e é usado para dominar a duração do evento. É por causa desse poder estruturador que ainda recorremos a ele em situação doloridas ou novas.

“O luto representa uma saída do estado de saúde e bem-estar, e assim como a cura é necessária no campo fisiológico, para trazer o corpo de volta ao balanço homeostático, um período de tempo é da mesma forma necessário para que o enlutado retorne a um estado similar de

equilíbrio. Conseqüentemente o processo do luto é similar ao processo de cura” (WORDEN, 1988 p.22).

A existência deles é atestada desde o homem Neandertal; Desde as origens se pensa na vida após a morte.

“O rito fúnebre poderia ser a lacuna antropológica, aquilo através do que o homem acede ao humano.” (BAYARD, 1996).

Morte é tanto um começo, como um fim. Morte e nascimento tem em comum o fato de serem eventos que não nos pertencem, mas àqueles ao nosso redor. São eventos nos quais não podemos estar conscientemente presentes. Ou seja, mantemos ainda os ritos pelo desejo de atenuar a morte, de ultrapassá-la (negá-las atualmente) para assim podermos desculpar, confortar, esperar, etc...

“Tumba”, “tumulo”, “tumor” e “tumulto” são palavras que provém de uma mesma raiz grega, que expressa a noção de “inchaço”. Uma tumba é um tipo de protuberância artificial da terra, muito diferente de uma suave ondulação natural do terreno. O inchaço implica uma desordem subitamente causada por um agente externo. Ao contrario dos antigos, que acreditavam possuir diversas almas pelo corpo, o homem cristão moderno acredita possuir uma única alma, unida ao tempo e oposta ao corpo material. A alma contém e simboliza os poderes mentais e espirituais do ser humano e é também o elemento que o põem em conexão com o céu (é a imagem de deus em seu interior); enquanto o corpo pertence à terra e é feito dela. (GILI, 1999).

De acordo com Bergamo (1954), a palavra cemitério vem do grego *koimetérion*, “dormitório”; do latim *coemeteriu*, designava a princípio, o lugar onde se dorme, quarto, dormitório. Sob a influência do cristianismo, o termo tomou o sentido de campo de descanso após a morte. O cemitério também é conhecido como necrópole, sepulcrário, campo-santo e vários eufemismos, como “cidade dos pés-juntos” e “última morada”. Segundo Bayard (1993), na terminologia hebraica, o cemitério é designado por termos bastante surpreendentes: *Berth Olam* (casa da eternidade) e *Beth ha' hayim* (casa da vida).

De algum modo, o homem se funde com a natureza através do corpo e perde a individualidade que sua alma concedeu. Percebemos aí como a noção de cemitério é muito conveniente com a herança ontológica do homem, em cada parte do processo; o da inumação e depois ossadas.

Entretanto, o aspecto de grande parte da arquitetura funerária atual, expressão da dessacralização de nossa cultura, poderia ser também manifestação da recusa pueril ao *memento mori* na sociedade ocidental, que tenta minimizar muitas vezes esse choque, escondendo a dor, convertendo estes lugares em locais assépticos, neutralizados.

Acredito que devemos ir contra essa corrente se queremos viver de forma significativa.

2 DELIMITAÇÃO DO TEMA

Como será visto ao longo dessa pesquisa, o tema de cemitério não carece de uma inovação na tipologia física concernente a inumação em si, mas sim das suas estruturas de apoio. Pode parecer um tanto quanto subjetivo, mas é justamente essa estrutura que servirá de rede de segurança para o melhor processamento do luto por parte dos que ficaram.

Os atuais cemitérios de Curitiba, tanto os públicos como os privados, não possuem uma estrutura física que possibilite uma imersão nos ritos da morte. Nesse sentido, acredito que uma nova proposta de espaço pode preparar melhor as pessoas para a vivência e passagem pelo luto.

2.1 OBJETIVOS

2.1.1 OBJETIVOS GERAIS

O presente trabalho tem por objetivo geral desenvolver o embasamento para a criação de um novo espaço que possibilite a imersão nos rituais sagrados da morte. Busca-se respaldo teórico-conceitual que relacione premissas de ritos de passagem atemporais e de caráter sagrado, mas a-religioso, e referências de projetos sensitivos e que expressem a austeridade acerca da morte.

O tema central preliminar do trabalho é “cemitério”, com ênfase na área de Projeto de Arquitetura – projeto do uso do espaço e edificações pertinentes, como capelas, floricultura adjacente, estacionamento, etc.

Definir e desenvolver a melhor tipologia de cemitério de acordo com o contexto social, ambiental e econômico atual, tendo como base estudo de casos históricos e similares deste tipo de espaço, como também estudo da relação histórico filosófica do homem com a morte.

2.1.2 OBJETIVOS ESPECIFICOS

Pretende-se:

-compreender as funções sociais dos cemitérios e o processo de inumação através do estudo da evolução histórica desses locais; e o papel do arquiteto no atendimento a essas funções;

-compreender a carga histórica presente na morte, como rito de passagem e a maneira do homem contemporâneo lidar com seus simbolismos, mesmo que de maneira inconsciente, no caso do homem a religioso;

-selecionar conceitos e práticas de projeto acerca da morte que possam ser usados na elaboração de um projeto de cemitério ecumênico;

-analisar exemplos nacionais e internacionais de cemitérios que apresentem tanto espaços exemplares quanto espaços a não serem seguidos;

-definir diretrizes de projeto, com características locais, programa de necessidades e pré-dimensionamento, para a proposição em nível de anteprojeto de um cemitério ecumênico que abrigue todas as estruturas necessárias, físicas e emocionais, para a passagem pelo luto.

2.2 JUSTIFICATIVA

Os cemitérios no Brasil, devido a uma tradição higienista, são em sua maioria, impessoais e meros receptáculos de restos mortais. Principalmente na atualidade, devido ao enfraquecimento da religião e da dessacralização da morte, na qual se perdeu a caracterização dos jazigos familiares e tomou-se como partido o modo de inumação americano, onde há uma padronização de jazigos. É salutar então, resgatar, através da arquitetura, ou seja, de forma muito concreta e edificável, o sentido desses ritos para melhor lidar com a morte e com o morrer. Como veremos, há um medo e uma dissimulação acerca da morte cada vez maior e o homem contemporâneo perdeu o sentido dos ritos e com isso, o entendimento do sagrado, seja esse sagrado relacionado a uma religião ou não; o sagrado dentro do contexto particular de cada um, como será explicado no capítulo cinco.

Espero que essa pesquisa possa oferecer uma contribuição sobre os mecanismos e simbolismos dos rituais e pensamento/sentimentos fúnebres ao decorrer da evolução da sociedade – por que o homem ainda precisa enterrar, de onde vem essa necessidade tão arraigada, assim como a evolução do túmulo familiar para um padrão mais individualista.

O caráter simbólico e histórico, que acredito ser muito estimulante pesquisar, pode ter uma aplicação prática muito bela. A questão da escala também é pertinente, não é muito pequena e nem muito grande, o que poderia ser um grande empecilho na hora de desenvolver o projeto. O tamanho das edificações é adequado para abranger todos os detalhes necessários que um

prédio simbólico tem que ter (cuidado com textura, iluminação, relação entre espaços, etc), em complementação com os outros espaços, que requerem maior atenção no desenvolvimento de fluxos, e não tanto de construção em si.

Apesar da conotação religiosa e sentimental que cerca a questão, do ponto de vista mais prático, é preciso encontrar uma correta destinação para os cadáveres humanos, no inevitável do ciclo biológico que denominamos de vida.

Com crescimento populacional notável, a Região Metropolitana de Curitiba segue sendo uma das regiões com maior crescimento demográfico no país (figura 01 e tabela 01). Com esse fato, tem-se um maior ciclo de nascimentos e óbitos, aumentando a demanda por áreas ou opções de destinação dos corpos pela ocorrência dos falecimentos. Sendo assim, é de extrema importância a criação de opções ou alternativas que visem suprir essas demandas de maneira viável econômica e ambientalmente.

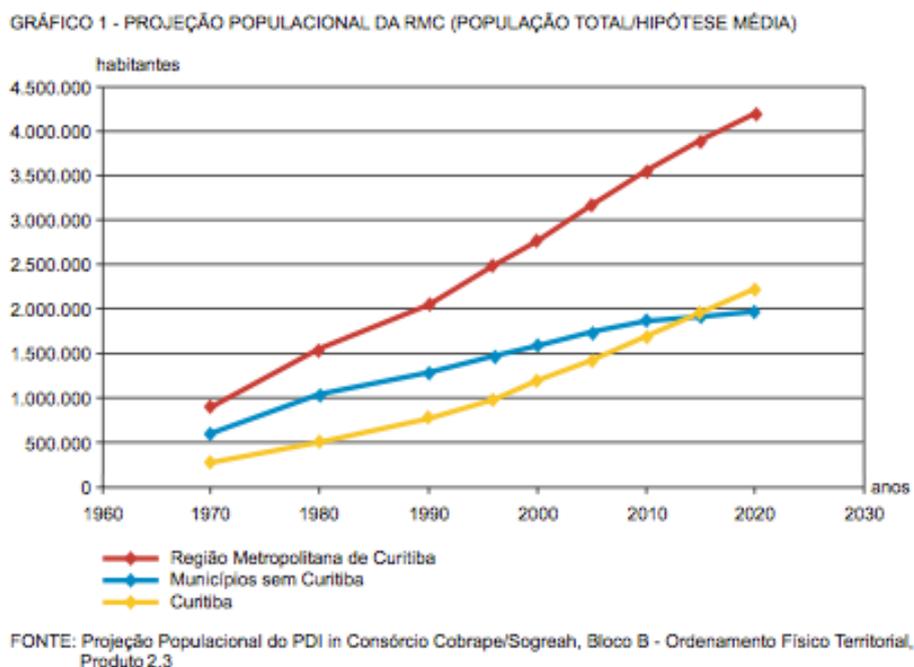


FIGURA 1 – Projeção da população Curitiba e RMC. (FONTE: COMEC/PDI, 2006).

TABELA 58 - RMC: PROJEÇÃO POPULACIONAL DO PDI PARA POPULAÇÃO URBANA - BASE MÉDIA - 2000-2020

MUNICÍPIOS	POP. TOTAL 2000 (BGE)	POP. URBANA 2000 (BGE)	POP. URBANA 2020 (PROJETADA)	% EM RELAÇÃO AO TOTAL DO NUC* 2020	% EM RELAÇÃO AO TOTAL DO NUC* SEM CURITIBA 2020	ACRÉSCIMO POPULACIONAL URBANO 2000-2020
Almirante Tamandaré	88.277	84.755	189.236	4,90	10,03	104.481
Araucária	94.258	86.111	180.790	4,68	9,58	94.679
Campina Grande do Sul	34.586	25.973	77.249	2,00	4,09	51.276
Campo Largo	92.782	77.223	115.435	2,99	6,12	38.212
Campo Magro	20.409	2.501	50.661	1,31	2,69	48.160
Colombo	183.329	174.962	351.408	9,10	18,63	176.446
Curitiba	1.587.315	1.587.315	1.975.040	51,14	104,68	387.725
Fazenda Rio Grande	62.877	59.196	189.377	4,90	10,04	130.181
Itapençu	19.344	16.234	22.398	0,58	1,19	6.164
Pinhais	102.985	100.726	150.892	3,91	8,00	50.166
Piraquara	72.886	33.829	108.695	2,81	5,78	74.866
Quatro Barras	16.161	14.520	33.006	0,85	1,75	18.486
Rio Branco do Sul	29.341	20.049	40.369	1,05	2,14	20.320
São José dos Pinhais	204.316	183.366	377.225	9,77	19,99	193.859
Total NUC	2.608.846	2.466.760	3.861.779			1.395.019
Total NUC sem Curitiba	1.021.531	879.445	1.886.739			1.007.294
Total RMC	2.768.394	905.418	3.942.629			3.037.211

FORNTE: Projeção Populacional do PDI / COBRAPE - Base Média
* Municípios atingidos pelo NUC

TABELA 1 – Crescimento populacional prospectado – Curitiba e RMC.
(FORNTE: COMEC/PDI, 2006).

Palco Metropolitano	2000	2020			Acréscimo 2020/00		
		Alta	Média	Baixa	Alta	Média	Baixa
Região Metropolitana de Curitiba	2,77	4,59	4,19	3,74	1,82	1,43	0,97
Curitiba	1,59	2,07	1,97	1,92	0,48	0,39	0,33
Região Metropolitana sem Curitiba	1,18	2,52	2,22	1,82	1,34	1,04	0,64
Núcleo Urbano Central - NUC	2,61	4,38	4,00	3,55	1,77	1,39	0,94
NUC sem Curitiba	1,02	2,31	2,03	1,63	1,29	1,00	0,61

* População total em 1.000.000 habitantes.

TABELA 2– Crescimento populacional prospectado – Curitiba e RMC.
(FORNTE: COMEC/PDI, 2006).

Em média, a cada 70 anos há uma renovação completa nas gerações, causando impactos relacionados à grande quantidade de cadáveres em decomposição, que precisam de alguma forma receber uma destinação.

Diante da necessidade de se proceder corretamente quanto à destinação dos mortos, de maneira a diminuir ao máximo os impactos causados ao meio ambiente, bem como aperfeiçoar a utilização de espaços dos grandes centros urbanos e apresentar alternativas viáveis economicamente, o empreendimento objeto deste Estudo Ambiental tem por finalidade oferecer mais uma opção, além do cemitério horizontal, quanto à

destinação adequada de cadáveres, prezando pelo respeito ao meio ambiente e pela sociedade.

Atualmente, somente na cidade de Curitiba ocorrem cerca de 450 mortes a cada mês.

A Tabela 03, a seguir, mostra os coeficientes de mortalidade a cada 1.000 habitantes na cidade de Curitiba. Nota-se que as taxas de mortalidade tem se mantido estáveis nos últimos anos, com variações pouco significativas.

Ano	Curitiba	Paraná
1979	6,93	6,10
1980	6,69	6,26
1981	6,67	6,06
1982	6,50	5,98
1983	6,58	6,47
1984	6,32	6,01
1985	6,22	5,89
1986	6,31	6,16
1987	6,40	5,93
1988	6,48	5,98
1989	6,46	5,78
1990	6,48	6,24
1991	5,98	5,51
1992	6,07	5,71
1993	6,17	5,96
1994	6,26	5,99
1995	6,22	5,89
1996	6,07	6,00
1997	5,96	5,85
1998	5,88	6,03
1999	5,67	5,78
2000	5,66	5,79
2001	5,43	5,62
2002	5,52	5,75
2003	5,58	5,76
2004	5,76	
2005	5,48	

TABELA 3 – Coeficientes de mortalidade a cada 1.000 habitantes na cidade de Curitiba e no Estado do Paraná. (FONTE: SESA/ISEP/CIDS/DSI/SIM)

– Sistema de Informação Sobre Mortalidade. Elaboração: IPPUC – Banco de Dados, 2007.)

2.3 METODOLOGIA DE PESQUISA

A pesquisa foi realizada por meio de revisão bibliográfica e webgráfica acerca de três temáticas principais, levantadas e analisadas simultaneamente; a relação do homem com a morte e seus ritos de passagem, a questão técnica-sanitária do funcionamento dos cemitérios e o estudo de casos similares e de edificações mortuárias.

O estudo do sentido dos ritos mortuários e a identificação do sagrado na atualidade(mesmo que a religiosa) foi feita a partir, principalmente, dos livros “O sentido oculto dos ritos mortuários” e “O sagrado e o profano”.

Foram utilizados três cemitérios internacionais como estudos de caso(que acredito que transmitem fisicamente essa sacralidade) para, junto com o embasamento teórico, conceber um novo projeto de cemitério com tipologia adequada para Curitiba.

A princípio, as questões sanitárias; tipo e preparo de solo, escolha de local adequado, procedimentos intrínsecos ao processo, etc, foram retiradas tanto da legislação vigente como de estudos e teses da área de solos/ambiental.

No final das contas é tentar entender o sentido da vida e da morte, do sagrado e do profano e seus reflexos no plano concreto.

2.4 ESTRUTURA DO TRABALHO

A pesquisa apresentada nesse volume faz parte do Trabalho Final de Graduação no curso de Arquitetura e Urbanismo da UFPR. As informações coletadas nessa etapa estão organizadas em seis capítulos, além do texto de introdução.

O capítulo três é composto por recortes das legislações federais, estaduais e municipais pertinentes à implantação de cemitérios, assim como um pequeno resumo das principais diretrizes obrigatórias presentes nas resoluções do CONAMA.

O capítulo quarto apresenta um breve histórico sobre a fundação de cemitérios em São Paulo e a evolução de seu relacionamento como instituição com o contexto desde essa época até os dias de hoje.

O capítulo cinco é dedicado à conceituação acerca da morte: seus conceitos elementares, seu histórico ritualístico na escala universal, e a relação existente entre esse saber filosófico e as possibilidades de projetos para espaços fúnebres.

Os cemitérios de Curitiba e Municípios próximos também são considerados uma espécie de estudo de caso para a pesquisa e, por isso, o histórico e espaços são analisados. O recorte em especial escolhido para o trabalho é explicado através da exposição dos cemitérios particulares, que possuem programa mais próximo ao utópico, contemplando todas as necessidades identificadas para o cemitério em questão.

O capítulo sete compreende a exposição de três cemitérios internacionais como estudos de caso: o Cemitério de Igualada como referência no âmbito paisagístico, de fluxos e relação com o entorno, e os Tanatório das cidades de Léon e o Cemitério de Armea, localizados na Espanha e Itália, respectivamente. As três instituições são analisadas sob o ponto de vista de seus edifícios e/ou de caráter simbólico.

Por fim, o capítulo oito apresenta as diretrizes de projeto resultantes da pesquisa realizada. São definidas áreas para a implantação do cemitério. Além disso, pode-se observar a formulação de um programa de necessidades, bem como a pontuação de certas simbologias projetuais a serem seguidas.

3 ASPECTOS LEGAIS: NORMAS E LEGISLAÇÃO

3.1 INTRODUÇÃO

Os cemitérios nada mais são do que depósitos de corpos humanos, que necessitam de uma destinação correta, pois a degradação dos mesmos pode se constituir em foco de contaminação. A decomposição dos corpos depende das características físicas do solo onde o cemitério está ou será implantado. (PACHECO, 1997).

Este capítulo pontuará as principais normas concernentes à implantação de cemitérios, até porque há poucas disposições específicas nos vários códigos voltados para a regulamentação da propriedade e a administração dos cemitérios.

A preocupação com relação aos cemitérios no Brasil, como veremos a seguir, remonta à Constituição de 1891, que secularizou os cemitérios, retirando-os da administração Eclesiástica e passando-os para o poder civil laico. O costume levou a sociedade a incorporar, no dia-a-dia, o que antes se traduzia em ordenações, posturas e outros dispositivos legais. Segundo a legislação de Curitiba, o cemitério fica enquadrado no Zoneamento - Comércio e serviço 2.

Atualmente Curitiba possui 24 cemitérios, situados em locais onde não foram efetuados estudos do meio físico, - o que em teoria configura-os como área de risco ambiental – mas que não estão completamente fora do padrão exigido. É de extrema importância a preocupação com os mananciais subterrâneos, já que seu comprometimento é irreversível e sua recuperação extremamente onerosa.

3.2 LEGISLAÇÃO FEDERAL

- Constituição Federal - Artigo 225: Dispõe sobre o Meio Ambiente;
- Constituição Federal - Artigo 182: Dispõe sobre a política urbana;
- Lei 9433/97: Institui a Política Nacional dos Recursos Hídricos e cria o Sistema Nacional de Gerenciamento de Recursos Hídricos;

- Lei 6766/79: Dispõe sobre o parcelamento do solo urbano e dá outras providências;

- Lei 10257/2001: Estabelece diretrizes gerais da política urbana e dá outras providências.

3.3 RESOLUÇÕES CONAMA

Resolução Conama 01/86: Estabelece os critérios e diretrizes para a elaboração de estudos visando à avaliação de impacto ambiental. Estabelece uma lista de empreendimentos que devem ser submetidos a avaliações de impactos. Também traz explicações de como devem ser apresentados os relatórios finais dos estudos, observando compatibilidades, legislações, programas, entre outros. Este estudo observa as diretrizes estabelecidas por esta resolução;

- Resolução CONAMA n.º. 009, de 03 de dezembro de 1987: Dispõe sobre normas e critérios para a realização de Audiência Pública, visando a apresentação de Relatórios de Impactos Ambientais de empreendimentos;

- Resolução Conama 357/05: Dispõe sobre a classificação dos corpos de água e diretrizes ambientais para o seu enquadramento, bem como estabelece as condições e padrões de lançamento de efluentes, e dá outras providências;

- Resolução Conama 237/97: Dispõe sobre a revisão e complementação dos procedimentos e critérios utilizados para o licenciamento ambiental;

- Resolução Conama 335/03: Dispõe sobre o licenciamento ambiental de cemitérios;

- Resolução Conama 316/02: Dispõe sobre procedimentos e critérios para funcionamento de sistemas térmicos de tratamento de resíduos sólidos.

- Art. 5o Deverão ser atendidas, entre outras, as seguintes exigências para os cemitérios horizontais:

- I - a área de fundo das sepulturas deve manter uma distância mínima de um metro e meio do nível máximo do aquífero freático;

- o nível inferior das sepulturas deverá estar a uma distância de pelo menos um metro e meio acima do mais alto nível do lençol freático, medido no fim da estação das cheias. *(nova redação dada pela Resolução n° 368/06)*

- nos terrenos onde a condição prevista no inciso anterior não puder ser atendida, os sepultamentos devem ser feitos acima do nível natural do terreno;

- adotar-se-ão técnicas e práticas que permitam a troca gasosa, proporcionando, assim, as condições adequadas à decomposição dos corpos, exceto nos casos específicos previstos na legislação;

- a área de sepultamento deverá manter um recuo mínimo de cinco metros em relação ao perímetro do cemitério, recuo que deverá ser ampliado, caso necessário, em função da caracterização hidrogeológica da área;

- o perímetro e o interior do cemitério deverão ser providos de um sistema de drenagem adequado e eficiente, destinado a captar, encaminhar e dispor de maneira segura o escoamento das águas pluviais e evitar erosões, alagamentos e movimentos de terra; *(inciso acrescentado pela Resolução n° 368/06)*

- o subsolo da área pretendida para o cemitério deverá ser constituído por materiais com coeficientes de permeabilidade entre 10^{-5} e 10^{-7} cm/s, na faixa compreendida entre o fundo das sepulturas e o nível do lençol freático, medido no fim da estação das cheias.

Os cemitérios, deverão ser submetidos ao processo de licenciamento ambiental, nos termos desta Resolução, sem prejuízo de outras normas aplicáveis à espécie.

Na fase de Licença Prévia do licenciamento ambiental, deverão ser apresentados, dentre outros, os seguintes documentos: (as fases de licença Prévia e de Instalação poderão ser conjuntas.)

- caracterização da área na qual será implantado o empreendimento, compreendendo:

a) localização tecnicamente identificada no município, com indicação de acessos, sistema viário, ocupação e benfeitorias no seu entorno;

b) levantamento topográfico planialtimétrico e cadastral, compreendendo o mapeamento de restrições contidas na legislação ambiental, incluindo o mapeamento e a caracterização da cobertura vegetal;

- c) estudo demonstrando o nível máximo do aquífero freático (lençol freático), ao final da estação de maior precipitação pluviométrica; e
- d) sondagem mecânica para caracterização do subsolo em número adequado à área e características do terreno considerado.
- e) plano de implantação e operação do empreendimento.

É proibida a instalação de cemitérios em Áreas de Preservação Permanente ou em outras que exijam desmatamento de Mata Atlântica primária ou secundária, em estágio médio ou avançado de regeneração, em terrenos predominantemente cársticos, que apresentam cavernas, sumidouros ou rios subterrâneos, ocupem área maior que cinquenta hectares localizem-se em áreas de manancial para abastecimento humano.

3.4 LEGISLAÇÃO ESTADUAL

Constituição Estadual:

- i. Artigo 151: Diz respeito aos objetivos da política de desenvolvimento urbano no âmbito estadual;
- ii. Artigo 152: Diz respeito aos Planos Diretores Municipais;
- iii. Artigo 164: Diz respeito ao aproveitamento adequado dos recursos naturais, estabelecendo as competências do estado;
- iv. Artigo 207: Diz respeito ao Meio Ambiente no âmbito estadual, inclusive sobre os estudos de impacto para empreendimentos potencialmente impactantes.

- Decreto n°. 4.646/2001: Dispõe sobre os regimes de outorga de recursos hídricos no Estado do Paraná;

- Resolução Sema n°. 03/04: Outorga de recursos e licenciamento ambiental;

- Resolução Sema 27/03: Estabelece requisitos e condições técnicas para a implantação de cemitérios destinados ao sepultamento, no que tange à proteção e à preservação do meio ambiente, em particular do solo e das águas subterrâneas.

3.5 LEGISLAÇÃO MUNICIPAL

- Lei 9.800/2000: Diz respeito ao uso e ocupação do solo do Município de Curitiba;
- Decreto 1.153/04: Institui o Sistema de licenciamento ambiental no município de Curitiba;
- Lei 7.833/91: Diz respeito à proteção ambiental no município de Curitiba; • Lei 7.972/92: Dispõe sobre o transporte de resíduos e dá outras providências;
- Lei 10.625/02: Dispõe sobre os ruídos urbanos e a proteção do bem-estar público;
- Decreto 183: Define e relaciona os usos do solo e dá outras providências;
- Decreto 1.068/04: Plano de Gerenciamento de Resíduos da construção civil do município de Curitiba.

3.6 COMPÊNDIO

Se formos considerar as condições ideais para inumação, os principais aspectos são aqueles concernentes ao (levantamento) da geologia, dos solos, da profundidade do lençol freático e das declividades do terreno.

Hoje em dia não há estudos que auxiliem na elaboração de normas para a implantação de Cemitérios no Estado do Paraná, e a Legislação Federal é obscura no que tange ao seu licenciamento e aos estudos de impactos ambientais causados na implantação de Cemitérios.(BORN, 2011).

O Conselho Nacional do Meio Ambiente (Conama) aprovou a lei que padroniza os procedimentos de licenciamento ambiental de cemitérios de todo o Brasil. A criação de uma única legislação para todo território nacional partiu de um pedido do Ministério Público Estadual do Paraná, em maio de 2007.

“O conselheiro do Sindicato dos Cemitérios Particulares do Estado do Paraná (Sincepar), Gelson Matzenbacher, contou que cada cemitério baseava-se nas leis ambientais específicas de seu município ou

Estado. Ele é proprietário dos cemitérios Jardim da Saudade em Curitiba e em Pinhais. “Em Curitiba o órgão de licenciamento ambiental é a Secretaria Municipal do Meio Ambiente (Sema). Já em Pinhais, a fiscalização e o licenciamento ficavam por conta do Instituto Ambiental do Paraná (IAP)”, explicou.” (Fonte: Paraná On Line 19/07/2008.).

Em resumo;

A nova lei determina que “para a implantação de um cemitério é necessário um estudo demonstrativo com o nível máximo do aquífero freático ao final da estação de maior precipitação pluviométrica e a sondagem mecânica da caracterização do subsolo. Para cemitério com mais de 50 hectares é necessário também um estudo da fauna e da flora.

Os cemitérios horizontais precisam fazer com que o fundo das sepulturas tenham uma distância mínima de 1,5 m do aquífero. É necessário que exista um recuo de 5 m entre os muros do cemitério e o início da colocação dos jazigos.

O Conama recomenda que as urnas sejam feitas de material biodegradável e sem a presença de metais pesados, tintas e vernizes. Todavia é apenas uma recomendação, não uma exigência.

A nova lei é válida para cemitérios tradicionais, parques, verticais e até em cemitérios de animais.

4 CONCEITUACAO TEMATICA

4.1 EVOLUÇÃO HISTÓRICA DOS CEMITÉRIOS

4.1.1 INTRODUÇÃO

O foco deste capítulo é analisar o uso sócio-espacial do cemitério, considerando a carga religiosa que tal espaço carrega.

Considerando que o objetivo último será a construção de um cemitério ecumênico, tomarei como ponto de partida a fundação do primeiro cemitério municipal, na cidade de São Paulo. Nessa passagem histórica é possível perceber com grande clareza como de fato o culto aos mortos ao longo da história ter sido o grande ponto conector das civilizações, já que foi a retirada do poder da Igreja Católica sobre os mortos o grande acontecimento precursor da laicização do Estado.

Veremos também a relação entre a expansão da metrópole e a instalação estratégica de alguns cemitérios, assim como a lógica das primeiras instalações dos cemitérios de São Paulo e os mitos envolvendo suas necrópoles.

“Para o mundo moderno, a religião como forma de vida e concepção do mundo confunde-se com o cristianismo.”(ELIADE, 1992, pg113).

4.1.2 A DOAÇÃO DE TERRAS NA CIDADE MONACAL

Desde os tempos coloniais, a Igreja foi responsável pela formação das cidades no Brasil. O método usado para constituir um núcleo urbano era via de regra por doação ou legado de um terreno à Igreja, que se tornava proprietária daquele patrimônio e recompensava então seu doador, dando em troca prestígio pessoal e social e a garantia de vida eterna.

Até o século XVIII, as igrejas funcionavam também como cemitério e, dependendo do donativo feito ao clero em vida ou mediante testamento, o local de sepulcro poderia ser no altar, nos corredores laterais, nos corredores centrais ou no pátio externo. (REZENDE 2006) Hoje em dia há cemitérios

públicos e privados para acomodar as diferentes classes sociais, mas naquela época, quem não dispunha de recursos era enterrado ao longo das estradas, e posteriormente no Cemitério dos Aflitos, único “público” da época, fundado para abrigar os escravos enforcados.

Como a religião norteava a vida das pessoas à época, todos os acontecimentos sociais importantes estavam ligados à Igreja.

Não é exagero dizer que a questão da morte permeava de forma constante e era a razão das ações em vida, até porque a tradição cristã opera com dois mundos distintos; o mundo sagrado dos deuses e o mundo profano dos homens. O que acreditava-se então; o pecado separava o homem do mundo sagrado e a total absolvição dos pecados o levava à vida eterna. Esta mediação entre mundos era feita pela Igreja, que recebia o sacrifício do pecador e, através dos ritos, por eles ligavam-se sagrado e profano. Percebe-se aí o papel fundamental da Igreja, que através de dogmas sagrados dominava a vivência e a própria concepção da sociedade. A ideologia e o saber da Igreja materializavam-se espacialmente.(ELIADE, 1992).

“A morte funcionava de maneira análoga à estrutura jurídica atual que regulamenta a propriedade privada da terra, em que uma classe não produtora recebe parte da riqueza social produzida; a Igreja recebia parte dessa riqueza graças à morte”. (REZENDE, 2006, pg26).

Segundo Rezende(2006), a própria concepção de tempo era em parte regida pela Igreja (já que nessa época ainda não havia relógio de pulso) e os sinos representavam esse controle do tempo. O sino ditava então os eventos (de Deus) e era uma forma de comunicação constante com os fiéis, faziam a “propaganda” da Igreja e comandavam os ritos. E é claro, eram também fonte de renda, chegando a terem de ser regulamentados, já que nas ocasiões de falecimento de alguém importante – a importância do funeral verificava-se através dos dobres do sino e do número de acompanhantes -, os sinos tocavam o dia inteiro, causando incômodo na cidade.

QUADRO 3 - INVENTÁRIO DE UM HABITANTE DE SÃO PAULO EM 1838	
BENS	VALORES
10.000 m ² de terreno perto da cidade (na atual Rua dos Guianases).....	100\$000
Morada de casas na Rua Boa Vista, de dois lances, firmados em parede de pilão	1:000\$000
Chácara Pacaembu (incluindo os atuais bairros de Perdizes, Pacaembu e parte da Barra Funda e Lapa e a Várzea do Tietê)	2:400\$000
Escrava Maria de 60 anos, banguela	40\$000
Escravo Faustino de 35 anos, alfaiate	600\$000
Bois.....	de 12\$000 a 15\$000
Novilhas	5\$000
Cadeiras com trabalho em couro.....	\$300
Cama de casal	4\$000
Piano.....	100\$000
Bacia de cobre.....	60\$800
Visita ao médico	\$640
Funeral (caixão, túmulo, e despesas com sineiro, padres, missas, música, velas, etc.)	666\$262

Fonte: Richard Morse (De Comunidade a Metrópole, p.46)

TABELA 4 – Comparação entre custo do funeral e outros bens da época. (FONTE: Richard Morse, “De comunidade a Metrópole”, pg46.).

As igrejas avisavam que era dia de espetáculo fúnebre com os dobres do sino, que era precedido do cortejo e por fim o sepultamento. Era todo um sistema interligado com vários estágios ritualizados, e cada etapa era negociada e cobrada, inclusive o número de missas feitas “pela alma” do cidadão, que refletia o prestígio social do falecido. Em todas as etapas dos rituais, a família do falecido pagava: para o sineiro, para os acompanhantes, para as missas, para as velas, a mortalha, a tumba e, por fim, a cova. Inclusive a posição de destaque no túmulo, próximo aos santos, era reservado a poucos abastados e esse privilégio se estendia ao acompanhamento fúnebre, que chegava a ter a participação de todas as ordens religiosas. O máximo da riqueza era ser enterrado no centro do altar, a fim de prolongar a própria

presença na memória dos futuros habitantes, e para celebrar sua memória junto a seus contemporâneos eram feitos cortejos fúnebres com um grande acompanhamento. (REZENDE, 2006)

“...era necessário eternizar-se no fluxo e no ritual do cortejo.”
(REZENDE, 2006, pg36).

Devido ao alto custo de um funeral, muitos cadáveres eram então abandonados em terrenos baldios ou largados à noite nas portas das igrejas. Esses excluídos eram: escravos, escravos alforriados, enforcados, detentos e homens brancos pobres.

Dada essa situação e devido às inúmeras reclamações de senhores de escravos e dos pobres, a Câmara da cidade de São Paulo, depois de mandar uma carta de reclamação para o bispo, fundou em 1774 o primeiro cemitério público do Brasil; o cemitério dos Aflitos. Era o prenúncio da luta pela dessacralização da morte, e da passagem para cemitérios seculares.

Rezende(2006) relata que isso não resolveu o problema do abandono de corpos nas portas da igreja, apenas diminui, afinal de contas os mortos enterrados no cemitério público não teriam suas almas salvas e o direito à imortalidade concedidos somente pela igreja.

Outro problema era a tentativa, por parte da população, de economizar nos funerais, seja pela preocupação com o patrimônio a ser deixado para a família ou pelo simples fato do defunto não ter expresso nenhuma vontade de ser “salvo”. Para tanto, as pessoas se abstinham de fazer o testamento, porém a Igreja forçava a família, através da “terça funerária”, a salvar a alma do falecido e ainda pressionava-a para que gastassem o máximo possível com o funeral, sob risco de excomunhão.

Com os liberais, foi dado o primeiro passo em definitivo para tornar os cemitérios seculares e sob administração pública. Utilizando-se da mesma estratégia da Igreja, o terror, disseminaram a idéia “da morte pela peste e a peste pela morte”, no lugar do medo da não salvação da alma.

A cidade será palco de um campo de forças, a religião, com a ideologia do sagrado, e a burguesia nascente, com a ciência servindo de estratégia política, através do higienismo, retirando os mortos das igrejas com o argumento de contaminação. Os habitantes então passaram de uma alienação sagrada/mítica para uma alienação social/científica. ((REZENDE, 2006).

4.1.3 IGREJAS-CEMITÉRIO

Percebemos então, que o sepultamento do corpo em um lugar sagrado era a principal forma da Igreja exercer seu domínio. Quando o corpo passa à municipalidade, a autoridade eclesiástica entra em crise.

“No caso do Cemitério dos Aflitos, o que fica latente é o começo da perda da dominação da Igreja através da morte, pois o corpo começa a separar-se da Igreja e ir para a municipalidade; começa aí a transição da igreja-cemitério para o cemitério.” (REZENDE, 2006, pg51).

Mesmo depois de sua fundação, ainda demorou cinco anos para ocorrer a sua sagração, quando o cemitério já estava em pleno funcionamento. Essa sagração, para o “bem-estar espiritual” da população era essencial, pois ainda havia resistência por parte da população, principalmente nas camadas mais pobres, que tinham costumes religiosos muito arraigados e o sepultamento no cemitério representar para estas pessoas, em última instância, o fim da salvação da alma. A Igreja cônica disso, fez questão de emperrar o processo.

“...a necessidade de tornar o espaço do cemitério sagrado mostra a diferença da igreja-cemitério, que por si só já é um espaço sacro.” (REZENDE, 2006, pg54).

“A igreja-cemitério era marcada pelo subterrâneo, o local dos mortos era a nave, a cripta, embaixo do assoalho; em cima, no teto da igreja, estava pintada a salvação, com os tradicionais anjos condutores....Com o cemitério, as marcas foram soerguidas acima do solo. Nos Aflitos já aparecem cruces Rústicas. Apesar de serem símbolos do catolicismo, as cruces acima do solo começam a representar o fim do poder de

ocupação do subterrâneo, tanto em termos simbólicos como reais.” (REZENDE, 2006, pg59).

“O Céu aberto na Terra pelo cemitério parece agora estar prejudicando a Igreja, pois a cova ao ar livre retira o mistério do destino do corpo e amplia o céu para além do espaço da igreja.” (REZENDE, 2006, pg60).

O que aconteceu posteriormente com o Cemitério da Consolação foi diferente, pois existia um grupo articulado e planejando o fim dos sepultamentos pela igreja.

4.1.4 A TRANSIÇÃO

Seguindo a tendência dos países católicos europeus, havia ainda o reforço da Carta Régia, escrita pela Coroa brasileira em 1801, recomendando o sepultamento fora das igrejas. Em 1828, já Império do Brasil, essa recomendação torna-se lei com o adendo de que os cemitérios se localizassem fora do Perímetro urbano. (REZENDE, 2006)

Segue a lei:

“Em consequência de uma exposição que o Senhor Excelentíssimo Bispo Diocesano houve por bem transmitir a esta Câmara Municipal a respeito da mudança dos cemitérios para longe das povoações e fora dos recintos dos templos, em conformidade ao que dispõe a lei de 1 de outubro de 1828, resolveu a mesma Câmara a fim de se tomarem as medidas necessárias na ocasião de sua próxima reunião ordinária, que se exigisse de facultativos e físicos hábeis a indicação de um lugar ou lugares nos subúrbios desta cidade mais favoráveis e cômodos, e que ao mesmo tempo menos sujeitos sejam a conservar o ar mefítico, e mais apropriada por sua natureza a consumir prontamente os corpos para neles se formar um ou mais cemitérios dentro deste município. E portanto que confiando na filantropia e patriotismo, e abalizados conhecimentos de Vossa Senhoria, a Câmara espera, que de acordo com o Doutor João Batista Badaró, e cirurgião-mor Cândido Gonçalves

Gomide, queira com a brevidade Possível apresentar por escrito a mencionada indicação.” (Registro Geral da Câmara Municipal, 1829-1830. P. 138-139, v.20.).

O sepultamento fora das igrejas representaria uma grande perda de recursos, já que a maioria do patrimônio da Igreja na cidade de São Paulo era formado a partir de doações de terrenos e construções de templos em troca de sepulturas no altar. Entretanto mais do que a questão econômica, o que estava em jogo era o poder e a dominação sobre os habitantes da cidade. Então de um lado estava a Igreja, esforçando-se para manter o espaço sagrado consagrado aos mortos como forma de dominação(diante do imponderável) e de outro os liberais republicanos, que em nome do progresso e racionalismo científico, através do fim do sepultamento no interior dos templos, visavam promover o fim das superstições criadas pela Igreja e principalmente, laicizar o espaço.(REZENDE, 2006).

Lembrando-se que o Imperador era maçom, vê-se que a Igreja tinha um incômodo a resolver, pois juntando os liberais que, em sua maioria, eram republicanos e, posteriormente, os estrangeiros que professavam outras religiões, sobrava um forte sentimento anticlerical; mostrando que a luta pelo lugar do sepultamento foi endossada pelos vários setores da sociedade.

Já sabendo da dificuldade que seria acabar totalmente com o sepultamento fora da igreja, a Câmara articula a remodelação do espaço em nome e junto de outros aspectos “higiênicos”, como o melhoramento das várzeas e a transferência do matadouro para longe da cidade também.

“A estratégia era eficaz, pois enquanto a Igreja prometia a vitória contra a morte no além, os higienistas garantiriam a luta contra a morte aqui na Terra...” (REZENDE, 2006, pg80).

Em relação ao novo local do cemitério público, como já foi dito, a Igreja custou em tomar uma posição, enrolando quatro anos para dar uma resposta à Câmara e, quando finalmente enviou uma carta acerca do assunto, foi em tom desafiador:

“Que quanto a cemitério nenhuma providência havia dado por não considerar segundo o dispositivo no § 2º artigo 66º da lei de 1828, de

sua obrigação mas sim privativamente desta Câmara, seguindo a disposição da mesma lei não devendo, e nem querendo ingerir-se em semelhante objeto.”(Ata da Câmara Municipal, 1831-1832. P.490, v.26.).

Diante de tal resposta, a Câmara, que até então tentava negociar de maneira diplomática e muito paciente, diga-se de passagem, sempre consultando a Igreja, após essa resposta hostil, decide responder em forma de retaliação, escolhendo o local por conta e dando início à instalação do cemitério.

Apesar de o Imperador ter autorizado a instalação de cemitérios para imigrantes, alemães e ingleses a princípio, a Igreja continuava rejeitando a sepultura para pessoas de diferentes religiões, mesmo o cemitério já sendo público (1869). A instalação do cemitério dos imigrantes, sob o nome genérico dado aos acatólicos; “Protestante” (inclusive alguns judeus foram enterrados no local), ficou condicionada então ao isolamento dos católicos.

QUADRO 5 - NACIONALIDADE DOS 105 PRIMEIROS SEPULTADOS NO CEMITÉRIO DOS PROTESTANTES DE SÃO PAULO	
NACIONALIDADE	QUANTIDADE
Alemães	53
Brasileiros	22
Chineses.....	1
Dinamarqueses.....	1
Estadunidenses	5
Holandeses.....	1
Ingleses.....	12
Portugueses	6
Russos	1
Suícos.....	3

Fonte: Cemitério dos Protestantes

TABELA 5 – Composição gentílica do cemitério dos Protestantes de São Paulo. (FONTE: Cemitério dos Protestantes.).

Como aponta o autor, nessa época, os cemitérios estavam sendo construídos às expensas das fábricas, e não mais da Igreja, que acabou por não construir mais nenhum cemitério, pois estava acostumada a receber patrimônio para sepultar e não ter que gastar do seu próprio dinheiro.

Em 1856, na época da instalação do novo cemitério, o Cemitério da Consolação (segundo cemitério municipal da cidade), com a introdução do cultivo de café no interior do Estado, ocorreram algumas mudanças, quando a monocultura de exportação se tornou o principal produto agrícola e o café passou a movimentar o comércio e o crédito.

Como no período colonial, os fazendeiros queriam morar próximos aos acontecimentos sociais e comércio (bancos, pequenas indústrias, casas importadoras, etc.) e, guiados pelos loteadores, que contavam com participações dentro do Estado, tinham grande influência nos negócios imobiliários.

O cemitério geral, ia ser instalado num bairro onde estava sendo planejado um projeto de loteamento para ser vendido aos fazendeiros de café, não tardou então para uma Intervenção ser feita a fim de mudar o cemitério de lugar.

O novo local escolhido para o cemitério não era muito adequado, por ser um local muito alto e com muito vento, o que teoricamente disseminaria os miasmas para os locais mais baixos. Ou seja, o higienismo foi apenas uma estratégia de laicizar o espaço e acabar com o domínio da Igreja, já que agora estava à serviço dos interesses do grupo de loteadores, numa lógica monetária de valorização do espaço. É claro que a Igreja continuava sendo interessante para os loteadores, pois esta tinha grande importância na sociabilidade de uma região e também dava credibilidade ao local e inspirava confiança nos compradores.

“A luta que os liberais travaram para implodir o espaço sagrado deixa a Igreja com um papel menor na urbanização, e entra em cena os agentes que usavam obras do Estado como ponta de lança para negócios especulativos.” (REZENDE, 2006, pg 93).

O Cemitério da Consolação foi situado em local cercado de chácaras, no alto da Consolação. Hoje em dia, o local se transformou numa das áreas mais valorizadas da cidade - o Bairro de Higienópolis - e tem 77 mil m², contando com 8.200 túmulos. É considerado um “Museu a céu aberto”, devido à quantidade de obras funerárias construídas por artistas europeus e brasileiros. São monumentos ecléticos, art nouveau, art déco, e modernos, afinados com o que se fazia na Europa no início do século XX. Ali estão obras de Luigi Brizzolara; Victor Brecheret; Francisco Leopoldo e Silva; Ricardo Pavone; Amadeo Zani; Nicola Rollo; Antelo Del Débbio; Galileo Emendábili. Também por estarem enterradas pessoas que contribuíram na construção da história paulistana e brasileira.



FIGURA 2 – Túmulo de Monteiro Lobato no Cemitério da Consolação.(FONTE: ARTE FUNERÁRIA BRASIL, 2006).

Então, enquanto o Cemitério dos Aflitos estava localizado próximo a outros estabelecimentos municipais, como a Cadeia e o Quartel –o público-alvo eram os presos e enforcados - , o cemitério da Consolação foi instalado num local isolado e afastado, atendendo (parcialmente) às medidas do primeiro regulamento dos cemitérios da cidade de São Paulo –discurso de preocupação com solo, ventos altitude e isolamento -.

Outra diferença se dá quanto a constituição interna destes cemitérios; enquanto o Cemitério dos Aflitos possuía uma disposição inovadora de seus elementos – com a capela no centro do terreno e o muro delineando o quadrado do cemitério -, o Cemitério da Consolação seguiu os moldes tradicionais europeus e das cidades históricas de Minas Gerais, com a igreja/capela à frente e os cemitério nos fundos.

Ainda neste período, a capela tinha a função de avisar brevemente a morte com o badalar do sino. Hoje em dia, sua função ficou reduzida a local de velório e onde se dá a última abertura do caixão antes do sepultamento.

4.1.5 RELAÇÃO CEMITÉRIO-ENTORNO

A valorização do espaço via cemitérios

No período que vai de 1900 a 1930, o processo de industrialização estava se consolidando, e a acumulação de capital, muitas vezes, se dava pela absorção da renda capitalizada das propriedades, o que justifica o grande número de doações de terreno para o Município na época.

A idéia predominante acerca do assunto é a de que o cemitério seria instalado fora da aglomeração urbana e que com a posterior expansão da cidade, eles ficariam integrados ao espaço urbano, outra idéia é a de que cemitérios causavam repulsa em futuros moradores de áreas contíguas aos mesmos.

Como pudemos observar, a questão do isolamento foi impulsionado e pensado, na maioria das vezes, em termos de política sanitária/higienista, o que é válido para os cemitérios instalados no século XIX. A repulsa dos habitantes próximos de cemitérios também implica uma concepção marcada pelo período em que a teoria dos miasmas pútridos estava em voga.

“No Período atual, o imaginário da proximidade do cemitério foi permeado pelo espetáculo....Quando o vereador Gabriel Ortega, em 1986, criou um projeto de lei para construir um conjunto habitacional no terreno do Cemitério de Vila Formosa, rapidamente o projeto ficou conhecido como Poltergeist.” (REZENDE, 2006, pg106).

Na época em que o Cemitério dos Aflitos foi desinstalado - quando o Cemitério da Consolação já estava em funcionamento, a municipalidade resolveu intervir no fechamento do Cemitério dos Aflitos, como uma forma de corroborar todo o movimento de secularização da morte, que tinha como “desculpa” o higienismo -. Rezende(2006) indica que foi atestado que os moradores não se importaram com a antiga vizinhança, o que mostra que nem sempre existiu esse caráter repulsivo que alguns autores apontam, ou que, pelo menos, nem toda a sociedade enxerga a questão desta maneira.

Aliás;

“Contra o fechamento do Cemitério dos Aflitos representaram no Governo, a Santa Casa de Misericórdia e alguns moradores do bairro da Liberdade, ao que se opôs a Câmara, por se achar “dentro da cidade”, pois sua conservação iria destruir os efeitos salutaros que tiveram os legisladores da província quando aprovaram a Postura de 3 de maio de 1856.” (Antônio Barreto do Amaral. O Cemitério dos Aflitos – A Capela dos Aflitos. São Paulo, 1977, p.26.).

Em relação ao isolamento, o que explica às vezes a permanência de antigos cemitérios no centro da cidade é o direito de concessão de jazigos perpétuos, que os “ricos” obtiveram, como no caso do Cemitério da Consolação. Já os cemitérios das camadas mais baixas, como o Cemitério dos Aflitos, estes foram dragados pela urbanização.

“O motivo pelo qual se recorreu à história foi justamente o de elucidar a localização dos cemitérios atuais em áreas nobres. No passado, as áreas em que os cemitérios se encontravam não eram tão valorizadas como hoje, mas essa valorização foi planejada pelos proprietários de terrenos próximos...” (REZENDE, 2006, pg108).

Esse é o mesmo caso do cemitério municipal São Francisco de Paula, aqui em Curitiba, que hoje em dia encontra-se incrustado no centro da cidade. Como no caso do Cemitério da Consolação, não era vantagem remover o cemitério, pois este também funcionava com o esquema de concessão de jazigos perpétuos. É interessante notar que, em ambos os casos, há muitos túmulos em forma de capela, outro rastro do catolicismo. Essa construção no

cemitério é uma tentativa de resgatar o antigo sepultamento realizado no interior das igrejas. Simbolicamente, as pessoas ricas continuaram sendo enterradas dentro da igreja e até promoviam missas dentro dos túmulos.

Segundo o geógrafo Uyvão Pegaya:

“Ao analisar-se a localização atual das necrópoles de São Paulo, difícil se torna, à primeira vista, perceber quais os fatores que teriam contribuído para essa distribuição....

O que não padece dúvidas é a tendência, quer no passado quer no presente, de localizar os cemitérios em áreas periféricas à cidade, ou melhor, em pontos recuados das áreas ocupadas. Diversos fatores podem explicar essa tendência: o desejo de valorização de uma área, oferecendo ao proprietário parte dela como doação, para a instalação de uma necrópole....Em 1950, São Paulo capital contava com 15 cemitérios municipais, sendo que cinco deles são provenientes da doação de terrenos (Cemitério de Osasco*, Vila Formosa, Itaquera, Vila Mariana e Santana). Documentos históricos demonstram cabalmente esses fatores. Por questões de valorização, no crepúsculo do século passado, por exemplo, doava-se à Prefeitura Municipal, para a instalação de um cemitério no então longínquo bairro do Chora Menino...” (PEGAYA, 1967, p.104).

Percebe-se então que geralmente a instalação do cemitério traz consigo outros elementos de valorização e urbanização, como vias públicas e meios de transporte, dentre outros equipamentos públicos. Quando o cemitério acaba não desencadeando essa urbanização na área envoltória, o proprietário ainda assim se beneficia quando a prefeitura precisa ampliá-lo, comprando o terreno adjacente e no caso de compra de cemitérios de associações religiosas, estas ainda são obrigadas a se instalar ao lado dos cemitérios municipais. Às vezes também, o cemitério era usado como elemento de urbanização em pequenos núcleos já existentes, como no caso dos “subúrbios-estação”; bairros periféricos fundados a partir de uma estação ferroviária.

*Na época Osasco não era um município autônomo

“...foi observado que as pessoas não se importavam em fazer caminhadas e outras atividades no cemitério, pois os cemitérios atuais, sem uma grande presença simbólica da morte, acabam se tornando um espaço que não parece cemitério, ou seja, não tem um caráter de templo de espaço absoluto e sagrado. Isso se deve principalmente ao fim do domínio da Igreja católica sobre o morto e a morte, e ao avanço da economia de mercado no campo da morte.” (REZENDE, 2006, pg131).

Eu acredito que ainda há resquícios no imaginário popular de que morar perto de cemitério não é bom, seja por medo de assombração ou por simplesmente achar que existe uma energia negativa ou qualquer coisa do gênero, mas com certeza o cemitério não é mais tão repelente quanto já foi no passado, principalmente nas grandes metrópoles.

Nos depoimentos relatados no livro, a maioria das pessoas diz ou não se importar, e no caso dos habitantes mais velhos, até gostar da vizinhança; seja pela tranquilidade, pela arborização ou segurança, na frase de uma moradora: “temos é que ter medo dos vivos, e não dos mortos.”

Por exemplo no bairro Vila Mariana, um local onde moram pessoas de alta renda:

“No caso do Cemitério de Vila Mariana, além de existir um grande anel residencial horizontal no entorno, o que por si só já evita o barulho, há também o Parque da Aclimação que evita uma grande circulação de veículos. Aliás, a existência do cemitério ajuda a diminuir o fluxo de veículos, pois ele impede a ligação das vias de circulação.” (REZENDE, 2006, pg160).

A morte tem um tempo de evocação, o morto vive no meio dos vivos através da memória, e justamente isso é que movia os que doavam os terrenos para a construção das igrejas-cemitério: a sua perpetuação no meio dos vivos, via lembrança.

Eram tempos em que a morte era mais vivenciada socialmente, em que ela era uma relação social (e encarada como tal). Com o passar dos anos, essa relação veio sendo encoberta e substituída pelo reino da mercadoria, que agora a contém, metamorfoseada.” (REZENDE, 2006, pg132).

Não há mais um contato tão íntimo com a morte, os velamentos já não são feitos na casa dos finados, e sim no próprio cemitério; conseqüentemente não há mais cortejos fúnebres; grande parte das pessoas morre nos hospitais; enfim, o espaço para o morto é cada vez mais restrito, já não há mais contato.

O aumento da expectativa de vida também transmutou a relação com a morte.

“A tentativa de perpetuação pela memória, que se vê nos majestosos mausoléus dos cemitérios a céu aberto ou nos túmulos de altares de igreja, retratava um período em que o indivíduo queria se salvar, eternizando-se numa sombra para o futuro. Atualmente acontece o inverso, o indivíduo vive na projeção (alienação), no reflexo, enquanto aguarda a salvação da espécie inteira através da genética, ou melhor, espera o presente na sombra, pensando no futuro infinito.” (REZENDE, 2006, pg132).

Esse pensamento complementa o que será dito acerca da negação da morte, no capítulo cinco.

O reflexo disso também pode ser notado na representação dos atuais túmulos nos cemitérios, que são padronizados e sem uma presença cultural e simbólica.

“No passado (séculos XVII e XVIII) havia uma tríade que regia a morte: a tragédia vivenciada (sino, cortejo, missas); a consciência da morte; e a busca da imortalidade (via túmulos no altar), que era a superação do drama da morte. Hoje (2004), a consciência da morte vem sendo ofuscada pela ausência dos rituais (que no passado eram comandados pela Igreja).” (REZENDE, 2006, pg133).

Podemos concluir então, que essa “alienação” em relação à morte, acaba por amenizar, e muito, a vizinhança de áreas envoltórias de cemitérios e, junto com o discurso imobiliário de que estas são áreas verdes, sem barulho, sem poluição e com segurança, acabam por aumentar a “qualidade de vida” do cidadão que decide morar ali.

Além de que não haverá mudança do uso espacial, logo não haverá desvalorização do capital fixo/imóvel. O que não significa que essas áreas envoltórias nunca serão degradadas, mas em comparação, a desvalorização será muito mais lenta.

“Como não acontece a mudança do uso, as áreas envoltórias se mantêm com o uso residencial horizontal sem a necessidade de desvalorização; pelo contrario, pegam carona no atual discurso (tornado prática) do espaço dos condomínios fechados, gerando até uma maior valorização.” (REZENDE, 2006, pg135).

Esta situação é muito bem ilustrada no caso do Cemitério Parque Iguaçu, no bairro Cascatinha, em Curitiba, onde há vários condomínios fechados ao seu redor, além do Parque Barigui. O próprio cemitério encontra-se camuflado na vegetação, que serve como espécie de barreira transitória entre os espaços.

“Portanto, tratar-se-á, a seguir, da “conservação’ da valorização das áreas envoltórias do cemitério, e das transformações espaço-temporais que possibilitaram essa conservação.” (REZENDE, 2006, pg135).

4.1.6 SINCRONIA NO TEMPO-ESPACO DA MORTE

Como foi visto, as relações sociais se projetam no espaço (por exemplo, na dominação pela morte, quando as igrejas eram a expressão espacial e material das relações). O espaço não é apenas produto dessas relações, mas também ajuda a produzi-las, também é criador.

“Há, por exemplo, uma inscrição na paisagem geográfica do problema da morte que, na Terra, somente os homens foram levados a se propor; quase sempre os que não mais existem ocupam ainda um lugar no solo, considerável por vezes, e isto desde tempos imemoriais. De algumas civilizações mesmo, só se tomou conhecimento através das suas atividade funerárias: a geografia é mais uma geografia dos mortos do que dos vivos.” (DEFFONTAINES,1959, p.16).

O espaço é mesmo envolvido pela morte, onde a única coisa que resta de uma civilização, são suas atividades funerárias. O que Deffontaines afirma é

que a preocupação com os mortos é imemorial, e continua, apesar de hoje em dia procurar-se mascarar a presença da morte.

“Pensando, principalmente no movimento implicado da morte sobre o espaço, a presença da morte foi drasticamente reduzida; enquanto os cemitérios (o espaço fixo dos mortos) continuam na paisagem da morte, os cortejos fúnebres estão ficando mais raros.”(REZENDE, 2006, pg136).

Intenta-se então restaurar uma relação social vivida no conteúdo, e não só na aparência.

Um caso interessante, relatado no livro, é o de Francisco Franco de Souza, conhecido como Chico Sombração “pelo fato de andar nas árvores atrás de sombra e cantarolando suas serenatas” e ocorrido em Pirassununga (SP). No seu epitáfio, que o prefeito na época tentou retirar sob o pretexto de “atentado contra a fé cristã”, lia-se os seguintes dizeres:

“Bípede, meu irmão. Eis o fim prosaico de um espermatozóide que, há mais de 80 anos, penetrou num óvulo, iniciando seu ciclo evolutivo e acabou virando carniça. Estou enterrado aqui. Sou Chico Sombração. Xingai por Mim. Francisco Franco de Souza.” (REZENDE, 2006, pg140).

O caso foi a tribunal e o epitáfio permaneceu.

Enfim, o que me interessa não é o foco na exaltação do caráter biológico da vida, mas o “xingai por mim”. Como já mencionado no capítulo cinco, quando alguém morre, surge uma mistura de sentimentos contraditórios em relação ao morto, dentre eles a raiva. Raiva pela pessoa ter morrido, raiva por ter sido “deixado”, raiva pela mudança implacável e às vezes inesperada.

É interessante esse sentimento visceral se refletir no epitáfio, já que na maioria deles só se encontra o bom esposo, o bom filho, o bom pai, e o “xingai por mim”, que também mostra a imperfeição humana, a maioria dos epitáfios piegas quer esconder.

“O que preenche, na vida das pessoas, esse vazio que a alienação da morte traz?

Uma das Possíveis respostas é que o espetáculo da morte preenche esse vazio alienante com outro vazio alienante: morte espetacular, aquela transmitida pela televisão, restrita a alguns eleitos (esportistas, presidentes, governadores, atrizes e cantores)” (REZENDE, 2006, pg141).

4.2 CONCLUSÃO

“Naquele momento, o cemitério foi tratado como limite da urbanização, ou seja, o cemitério era sempre o último ponto do vetor de expansão da metrópole. Do ponto de vista da instalação das metrópoles, também se levantou a hipótese de a questão ambiental (higienismo) ter influenciado na localização dos cemitérios, caso que agora, pode-se constatar que apenas serviu de alibi para retirar da Igreja o poder sobre os cadáveres.”(REZENDE, 2006, pg53).

Essa citação está parcialmente correta, pois há sim a questão do “higienismo”, mas este se relaciona diretamente com a constituição do solo, ventos e presença ou não de lençóis freáticos, ao invés de localização em relação ao centro da metrópole. Não há, necessariamente, nenhum empecilho físico pelo qual um cemitério não possa ser implantado no centro da cidade ou em qualquer lugar específico em relação a ele, o que há, são tabus acerca de onde as pessoas “acham” que os cemitérios deviam estar, de novo, sob o pretexto do “higienismo”.

O caso do Cemitério da Consolação ilustra bem esse fato; enquanto se pensava que sua instalação era de caráter simplesmente ambiental (controle da contaminação do ar, via miasmas pútridos), o que ocorreu foi uma disputa entre os liberais e a Igreja católica, além dos interesses dos loteadores, que o desviaram do lugar inicialmente projetado para a construção, o Campo Redondo (atual Praça Princesa Isabel, no bairro da Luz).

Os agentes que lidam com a comercialização do solo urbano costumam esconder o uso possível de suas terras, para que não sejam vítimas da valorização que este novo uso trará em futuras compras de terrenos. No caso em questão, a valorização ocorre através de um uso pouco atraente (cemitério), porém o incremento da região se realizará com as benfeitorias de que o novo uso necessita.(REZENDE, 2006).

Como se vê, no caso de cemitérios, os loteadores não precisam esconder qual será o novo uso da região, a dissimulação será necessária para a doação do terreno, escondendo o verdadeiro objetivo do loteador que é a valorização do espaço. O subterfúgio usado foi a doação motivada pela religião e pelo sagrado que permeou e permeava a nossa sociedade, que ocorreu com mais frequência em outra época (séculos XVI, XVII, XVIII).

O cemitério, em suma, serve de semente para o desenvolvimento da área envoltória.

Cronologia:

1554 – A missão Jesuíta funda São Paulo.

1771 – No dia 11 de junho, São Paulo é elevada a cidade. Século XVIII – Enterros em igrejas.

1774 – Fundação do Cemitério dos Aflitos, denominado também de Cemitério dos Enforcados.

1845 – Fundação do Cemitério do Recolhimento da Luz, que foi dividido e deu origem ao Cemitério dos Alemães em 1851.

1855 – Os moradores da Freguesia do Arouche se manifestavam contra a construção do cemitério no alto da Consolação.

1856 – Aprovação do Primeiro Regulamento para os Cemitérios da cidade de São Paulo. 1856 – Construção do Cemitério de Santo Amaro.

1858 – Instalação do Cemitério da Consolação, primeiro cemitério público da cidade.

1858 – Fechamento do Cemitério dos Aflitos.

1864 – Inauguração do Cemitério Protestante de São Paulo.

1868 – Inauguração do Cemitério Venerável da Ordem Terceira de Nossa Senhora do Monte do Carmo de São Paulo.

1880 – Fundação do Cemitério do Brás – “4ª Parada”.

1884 – Cemitério da Consolação foi ampliado.

1887 – Instalação do Cemitério do Araçá, destinado à burguesia emergente de imigrantes enriquecidos.

1890 – O cemitério da Consolação sofre novo ampliamto.

1897 – Instalação do Cemitério de Santana, construído para vítimas da epidemia de varíola. 1901 – Inauguração da Avenida Paulista.

1902 – Construção do portão principal do necrotério e da capela do Cemitério da Consolação.

1925 – Construção do Mausoléu da família Matarazzo no Cemitério da Consolação, executada por Luigi Brizzolara (Itália). O maior monumento do local.

1926 – Instalação do Cemitério São Paulo, sendo uma prolongação do Cemitério da Consolação, lá estão sepultados os indivíduos oriundos das famílias mais representativas da sociedade paulistana.

1949 – Inaugurado o Cemitério de Vila Formosa, o maior da cidade de São Paulo.

1988 – O Departamento do Patrimônio Histórico da Secretaria Municipal de Cultura levantou jazigos de valor histórico e artístico no Cemitério da Consolação.

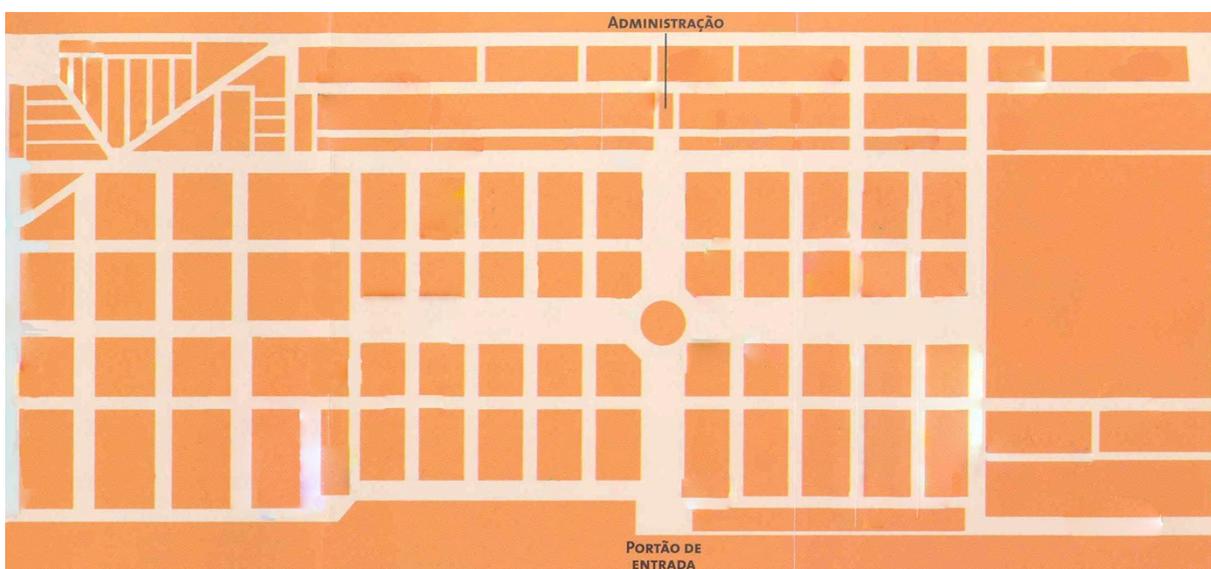


FIGURA 3 – Planta do Cemitério da Consolação em São Paulo.(FONTE: ARTE FUNERÁRIA BRASIL, 2006)



FIGURA 4 – PIETÁ. Uma visão romântica da morte de Cristo no jazigo-capela da Família João Rosa.(FONTE: ARTE FUNERÁRIA BRASIL, 2006)

5 CONCEITUAÇÃO ACERCA DA MORTE E DO MORRER



FIGURA 5 – Alegoria da Morte; In Ictu Oculi.(FONTE: TRINITY CHURCH ASH LAND)

As epidemias dizimaram muitas vidas nas gerações passadas e a morte de crianças era bastante freqüente. A medicina progrediu e aliada à educação, os vários males que causavam enorme baixa entre crianças, jovens e adultos foram dominados, resultando num baixo índice de doença e mortalidade. Cresceu o número de anciãos, e com isto diminuiu o número de situações críticas, que ameaçavam a vida. Em contrapartida, há cada vez mais casos de problemas emocionais nas salas de espera dos consultórios médicos e cada vez mais as pessoas tem que enfrentar a solidão e o isolamento com anseios e angústias que deles advêm. Há um crescente medo da morte e por causa desses sentimentos - pela grande necessidade de compreender e lidar com os problemas da morte e do morrer - pretendo desenvolver um cemitério. Afinal de contas, este é um espaço tão pertencente aos vivos, quanto aos mortos.

“O homem das sociedades primitivas esforçou-se por vencer a morte transformando-a em rito de passagem. Em outras palavras, para os

primitivos, morre-se sempre para qualquer coisa que não seja essencial; morre-se sobretudo para a vida profana. Em resumo, a morte chega a ser considerada como a suprema iniciação, quer dizer, como o começo de uma nova existência espiritual.” (ELIADE, 1992, pg160)

Quando retrocedemos no tempo e estudamos culturas e povos antigos, temos a impressão de que o homem sempre abominou a morte e, provavelmente, sempre a repelirá. Isto é bastante compreensível e se explica pela noção de que, a morte nunca é possível quando se trata de nós mesmos. É inconcebível para o inconsciente imaginar um fim real para a nossa vida e, se a vida tiver um fim, este será sempre atribuído a uma intervenção maligna fora de nosso alcance. Explicando melhor, em nosso inconsciente só podemos ser mortos; é inconcebível morrer de causa natural ou idade avançada. Portanto, a morte em si está ligada a uma ação má, a um acontecimento medonho, a algo que em si clama por recompensa ou castigo. (KÜBLER-ROSS, 2005).

“se a imagem religiosa central era a de uma mulher dando à luz e não, como em nosso tempo, um homem morrendo na cruz, não deixaria de ter sentido deduzir que a vida e o amor à vida – em vez da morte e o medo da morte – dominavam a sociedade, assim como a arte.” (BADINTER, 1986).

As cinzas, as vestes rasgadas, o véu, as carpideiras dos velhos tempos, meios não só de implorar piedade para eles, os chorosos, como também expressar pesar, tristeza e vergonha. Se alguém se aflige, arranca os cabelos ou se recusa a comer, é uma tentativa de auto-punição para evitar ou reduzir o esperado castigo pela culpa assumida da morte do ente querido.

A aflição, a vergonha, a culpa são sentimentos que não distam muito da raiva e da fúria. O processo de aflição sempre encerra algum item de raiva. Como ninguém gosta de admitir sentimentos de raiva por uma pessoa falecida, estas emoções são, no mais das vezes, disfarçadas ou reprimidas, delongando o período de pesar ou se revelando por outras maneiras. A título de ilustração, há o exemplo da criança, a criança que existe em nós. A criança de cinco anos que perde a mãe tanto se culpa pelo desaparecimento dela, como se zanga

porque ela a abandonou deixando de atender a seus rogos. Quem morre se transforma, então, em um ser que a criança ama e adora, mas também odeia com igual intensidade por essa dura ausência. (KÜBLER-ROSS, 2005)

Está cada vez mais difícil lidar com estes sentimentos e passar pelo processo de luto, quando grande parte dos rituais que tinham essa “assimilação” como intenção subentendida foram sendo abandonados com a crescente dessacralização do homem contemporâneo.

Há muitas razões para se fugir de encarar a morte calmamente. Uma das mais importantes é que, hoje em dia, morrer é muito triste sob vários aspectos, sobretudo é muito solitário, mecânico e desumano.

Os hebreus consideravam o corpo do morto como alguma coisa impura, que não podia ser tocada. Os antigos índios americanos falavam dos espíritos do mal e atiravam flechas ao ar para afugentá-los. Muitas culturas possuem rituais para cuidar da pessoa “má” que morre, os quais se originam deste sentimento de raiva latente em todos nós. (KÜBLER-ROSS, 2005)

A tradição do túmulo pode advir do desejo sepultar bem fundo os maus espíritos, e as pedrinhas que muitos enlutados jogam como homenagem traduzem símbolos do mesmo desejo. Ou a salva de tiros num funeral militar, que corresponde ao mesmo símbolo ritual dos índios, ao atirarem aos céus suas lanças e flechas.

Cito estes exemplos para ressaltar que o homem, em essência, não mudou. A morte constitui ainda um acontecimento medonho, pavoroso, um medo universal, mesmo sabendo que podemos dominá-lo em vários níveis.

O que mudou foi nosso modo de conviver e lidar com a morte, com o morrer.

5.1 ESPACIALIDADE

Neste sentido, a arquitetura desempenha um papel muito significativo, pois ao mesmo tempo em que nos insere no presente, evoca um sentido de memória. Está comprometida com a relação de interior e exterior, de tempo e duração, de vida e de morte. Articula as experiências do ser no mundo e fortalece nosso senso de realidade, não nos deixa viver em mundos de invenção e fantasia. A matéria, o espaço e o ser se fundem numa experiência primária: o sentido de ser.

Uma experiência não é interessante até o momento em que ela começa a se repetir, na verdade, enquanto isto não ocorrer, mal podemos chamá-la de experiência. A repetição faz da obra e do acontecimento um bloco que se forma e perdura, invocando certa brutalidade, talvez por isso materiais “rudimentares”, como concreto e pedra, pareçam tão apropriados para este tipo de obra.

A força do que persiste os torna verdade, há um senso de validação.

“Un sentido de melancolia yace bajo toda experiencia conmovedora del arte: El pesar de la temporalidad inmaterial de la belleza. El arte proyecta un ideal inalcanzable, el de la belleza que toca momentaneamente lo eterno.”(Pallasmaa, 2006).

Nossa capacidade de memória envolve, e seria impossível sem, uma memória corporal. O mundo se reflete no corpo e o corpo se projeta no mundo – projetamos nossas emoções e associações no espaço e o espaço projeta em nós sua “aura”, que emancipa nossas percepções e idéias.

Somando estas variáveis (presente e memória), podemos dizer que a arquitetura nos conecta com a morte, já que nos traz violentamente para o presente enquanto podemos sentir todo o peso da memória (mesmo que somente corporal) passada em nós mesmos e no próprio espaço/sítio.

Podemos ver então, que a arquitetura é capaz de fisicamente contribuir para o processo de luto, tendo como base os ritos e construções arcaicas do homem religioso. Há um potencial de força no espaço de luto, que infelizmente não vi presente em espaços contemporâneos nacionais.

5.2 O SAGRADO E O PROFANO: DUAS MODALIDADES DE SER NO MUNDO

“O rito, como a elegância, é uma forma de encantar a angústia.” (autor desconhecido).

“Todas as vezes que a significação de um ato reside mais em seu valor simbólico do que em sua finalidade mecânica, já estamos no caminho do procedimento ritual.” (THOMAS, 1996).

Sentido e lugar do rito

A minha intenção aqui foi entender como o homem religioso se relaciona com o espaço, tanto de maneira abstrata quanto concreta, para ter um ponto de partida em como criar um espaço deveras simbólico. Afinal de contas, a arquitetura funerária é expressão de nossa relação com a morte.

Para o homem religioso o espaço apresenta roturas, quebras; há porções de espaço qualitativamente diferentes de outras. Há um espaço sagrado - e significativo -, e há outros espaços não sagrados, e por conseqüência sem estrutura nem consistência. Essa não-homogeneidade espacial traduz-se pela experiência de uma oposição entre o espaço sagrado – o único que é real, que existe realmente – e todo o resto, a extensão informe, que o cerca. (ELIADE, 1992).

“... a experiência religiosa da não homogeneidade do espaço constitui uma experiência primordial, que corresponde a uma “fundação do mundo”. Não se trata de uma especulação teórica, mas de uma experiência religiosa primária, que precede toda a reflexão sobre o mundo. É a rotura operada no espaço que permite a constituição do mundo, porque é ela que descobre o “ponto fixo”, o eixo central de toda a orientação futura. Quando o sagrado se manifesta por uma hierofania qualquer, não só há rotura na homogeneidade do espaço, como também revelação de uma realidade absoluta, que se opõe à não realidade da imensa extensão envolvente.”(ELIADE, 1992, pg25/26).

Vemos, portanto, como o espaço sagrado tem um valor existencial para o homem religioso e nada pode começar sem uma orientação prévia, sem a

aquisição de um ponto fixo. Devido à essa visão do espaço, o homem religioso sempre se esforçou por estabelecer-se no “Centro do Mundo”. Para viver no Mundo é preciso fundá-lo – e nenhum mundo pode nascer no “caos” da relatividade do espaço profano.

“Em contrapartida, para a experiência profana, o espaço é homogêneo e neutro: nenhuma rotura diferencia qualitativamente as diversas partes de sua massa. O espaço geométrico pode ser cortado e delimitado seja em que direção for, mas sem nenhuma diferenciação qualitativa e portanto sem nenhuma orientação – de sua própria estrutura.” (ELIADE, 1992, pg26).

Segundo o autor, independente do grau de dessacralização do mundo a que tenha chegado, o homem que optou por uma vida “profana” não consegue abolir completamente o comportamento religioso. Aos poucos, os ritos vão transmutando-se em modo cultural, em costume.

A revelação de um espaço sagrado permite que se obtenha um “ponto fixo/fundação do mundo”, possibilitando uma orientação no caos e um viver real. A experiência profana, ao contrário, mantém a homogeneidade do espaço. Já não é possível nenhuma verdadeira orientação, porque o “ponto fixo” já não goza de um regime ontológico/religioso único; aparece e desaparece segundo as necessidades diárias. há apenas fragmentos de um universo cheio de “lugares” mais ou menos neutros onde o homem vive, impulsionado pelas obrigações da existência numa sociedade industrial. (ELIADE, 1992)

É preciso que haja uma ordem física e concreta, em que o espaço não seja relativo e caótico, para que as pessoas tenham alguma orientação e possam criar, a nível inconsciente pelo menos, um ponto fixo, um novo começo/uma orientação prévia para se guiar a partir daquele momento de perda/vazio.

Pois mesmo o homem profano não é destituído de experiências “religiosas”, transcendentais – e o momento de luto, obviamente, estaria no topo da lista:

“nessa experiência do espaço profano ainda intervêm valores que, de algum modo, lembram a não homogeneidade específica da experiência religiosa do espaço. Existem, por exemplo, locais privilegiados, qualitativamente diferentes dos outros: a paisagem natal ou os sítios dos primeiros amores, ou certos lugares na primeira cidade estrangeira visitada na juventude. Todos esses locais guardam, mesmo para o homem mais francamente não religioso, uma qualidade excepcional, “única”: são os “lugares sagrados” do seu universo privado, como se neles um ser não religioso tivesse tido a revelação de uma outra realidade, diferente daquela de que participa em sua existência cotidiana.” (ELIADE, 1992, pg28)

Logo, o cemitério adquire uma força, como espaço sagrado, incontestável, já que será o “lugar sagrado” do universo particular de praticamente todas as pessoas que por ali passarem. É uma outra realidade.

5.2.1 ACERCA DOS ESPAÇOS SAGRADOS

Para Eliade(1992), todo espaço sagrado implica uma hierofania, algo de sagrado que se nos revela e que tem como resultado destacar um território do meio cósmico e o tornar qualitativamente diferente. Um exemplo disso são os templos, que constituem, uma “abertura” para o alto que assegura a comunicação com o mundo dos deuses.

O sagrado é então o real por excelência, é o viver situado na realidade objetiva e não se deixar paralisar pela relatividade das experiências puramente subjetivas, é não viver numa ilusão.

“o sagrado revela a realidade absoluta e, ao mesmo tempo, torna possível a orientação – portanto, funda o mundo, no sentido de que fixa os limites e, assim, estabelece a ordem cósmica.” (ELIADE, 1992, pg33).

5.2.2 CONSAGRAÇÃO DE UM LOCAL

Há uma separação bem distinta entre o “Cosmos” - território habitado e organizado - e o “Caos” - espaço desconhecido que se estende para além de suas fronteiras -, e a cosmização dos territórios desconhecidos é sempre uma consagração: organizando um espaço, repete-se a obra dos deuses. (ELIADE, 1992)

Em suma:

“...”sistema do Mundo” das sociedades tradicionais: (a) um lugar sagrado constitui uma rotura na homogeneidade do espaço; (b) essa rotura é simbolizada por uma “abertura”, pela qual se tornou possível a passagem de uma região cósmica a outra (do Céu à Terra e vice-versa; da Terra para o mundo inferior); (c) à comunicação com o Céu é expressa indiferentemente por certo número de imagens referentes todas elas ao *Axis mundi*: pilar (cf. a *universalis columna*), escada (cf. a escada de Jacó), montanha, árvore, cipós etc.; (d) em torno desse eixo cósmico estende-se o “Mundo” (“nosso mundo”) – logo, o eixo encontra-se “ao meio”, no “umbigo da Terra”, é o Centro do Mundo.” (ELIADE, 1992, Pg38).

Concluimos então que o homem religioso necessita existir num mundo total e organizado, num Cosmos, mais ainda, que desejava viver o mais perto possível do Centro do Mundo.

A importância disso tudo é que segue-se daí que toda construção ou fabricação tem como modelo exemplar a cosmogonia. A Criação do Mundo é o arquétipo de todo gesto criador humano, seja qual for seu plano de referência. Vimos então que todo estabelecimento humano repete a Criação do Mundo a partir de um ponto central (o “umbigo”). (ELIADE, 1992).

Um exemplo disso:

“...a estrutura cosmológica do edifício sagrado persiste ainda na consciência da cristandade: é evidente, por exemplo, na igreja bizantina. “As quatro partes do interior da igreja simbolizam as quatro direções do mundo. O interior da igreja é o Universo. O altar é o paraíso, que foi

transferido para o oriente. A porta imperial do altar denomina-se também porta do paraíso. Na semana da Páscoa permanece aberta durante todo o serviço divino; o sentido desse costume expressa-se claramente no cânon pascal: 'Cristo ressurgiu do túmulo e abriu-nos as portas do paraíso.' O ocidente, ao contrário, é a região da escuridão, da tristeza, da morte, a região das moradas eternas dos mortos, que aguardam a ressurreição do juízo final. O meio do edifício da igreja representa a Terra. Segundo a representação de Kosmas indikopleustes, a Terra é quadrada e limitada por quatro paredes, rematadas por uma cúpula. As quatro partes do interior da igreja simbolizam as quatro direções do mundo." (ELIADE, 1992, Pg58).

Nas sociedades tradicionais, o ritual funerário indicava o passo a seguir para se conter a perturbação e novamente instaurar a ordem, o Novo Mundo. De acordo com Eliade (1992), a experiência do sagrado torna possível a "fundação do Mundo": onde o sagrado se manifesta espacialmente, o Mundo vem à existência. Essa manifestação, além de projetar um ponto fixo no meio da fluidez amorfa do espaço profano, - um "Centro" no "Caos" -; produz também uma "rotura de nível", abre a comunicação entre a Terra e o Céu e possibilita a passagem, de um modo de ser a outro. É uma rotura que cria o "Centro" por onde se pode comunicar com o transcendente.

Uma primeira conclusão seria a seguinte: o Mundo deixa-se perceber como Mundo, como cosmos, à medida que se revela como mundo sagrado. A consagração do espaço equivale a uma cosmogonia.

O cemitério é então, tanto do ponto de vista abstrato/filosófico, como real e prático (local onde os corpos têm um fim e caso haja uma alma ou energia, esta ascende ao céu, mas é o contato concreto, onde essa rotura é quase palpável) um local de hierofania, de cosmogonia, por excelência.

"O homem religioso é sedento do ser." (ELIADE, 1992, pg60).

O terror diante do "Caos" corresponde ao seu terror diante do nada. O espaço desconhecido que está além do seu "mundo", onde nenhuma *orientatio* foi ainda projetada e, portanto, nenhuma estrutura se esclareceu – este espaço representa para o homem religioso o não ser absoluto. Se, perde-se no interior

dele, sente-se esvaziado de sua substância “ôntica”, como se se dissolvesse no Caos, como se extinguisse.

Aqui, o rebatimento especial dar-se-á de duas formas: ou o homem a-religioso (porque ele é o nosso foco) encontra, diante da experiência da morte e da brutalidade que eu intento que meu projeto possua, a sua “centelha/substância ôntica”, numa espécie de espiritualidade amorfa, mas em que há um sentido existencial; ou ele é justamente jogado violentamente no presente e posto face ao “nada”.

“A profunda nostalgia do homem religioso é habitar um “mundo divino”, ter uma casa semelhante à “casa dos deuses”, tal qual foi representada mais tarde nos templos e santuários. Em suma, essa nostalgia religiosa exprime o desejo de viver num Cosmos puro e santo, tal como era no começo, quando saiu das mãos do Criador.” (ELIADE, 1992, pg61).

Diante da morte de um ente querido, é aí que o homem religioso busca conforto, nessa lembrança do cosmos puro, para onde teoricamente o falecido retorna. Como citado anteriormente, há uma semelhança deste sentimento com aquele que sentimos diante de certas construções;

“El tiempo de la arquitectura es un tiempo detenido en el mas grande de los edificios el tiempo se queda firmemente quieto”(PALLASMAA, 2006).

“Para o homem religioso, a reatualização dos mesmos acontecimentos míticos constitui sua maior esperança, pois, a cada reatualização, ele reencontra a possibilidade de transfigurar sua existência, tornando a semelhante ao modelo divino. Em suma, para o homem religioso das sociedades primitivas e arcaicas, a eterna repetição dos gestos exemplares e o eterno encontro com o mesmo Tempo mítico da origem, santificado pelos deuses, não implicam de modo nenhum uma visão pessimista da vida; ao contrário, é graças a este “eterno retorno” às fontes do sagrado e do real que a existência humana lhe parece salvar-se do nada e da morte.” (ELIADE, 1992, pg94).

Há um encanto de nostalgia presente em templos, elas nos devolvem ao tempo, que parece mais vagaroso, e ao silêncio do passado. Um sentido de

melancolia se cristaliza diante de tal experiência; o pesar da temporalidade imaterial de tal beleza, que momentaneamente toca o eterno.

O silêncio deste tipo de arquitetura é um silêncio receptivo, que nos faz recordar. Todo ruído exterior é silenciado e nossa atenção é centrada nessa potente experiência e em nossa própria experiência, e como ocorre com a arte, nos torna conscientes de nossa solidão existencial.

“Seguimos construyendo una inmensa ciudad de evocación y remembranza y todas las ciudades que hemos visitado son recintos en esta metrópolis de la mente.” (PALLASMAA, 2006).

Esta cidade de evocação e lembrança (memória) conecta-se diretamente com a arquitetura de templos, e também funerária, pois estes tornaram-se cidades/lugares de evocação e lembrança, o concreto por cima dos mortos, e o que proporciona presença e peso é a vida invisível que ainda está acontecendo ali.

Nesse ponto, os rituais fúnebres são extremamente interessantes pois evocam toda essa força especial. E hoje em dia, essa reatualização está presente de forma subjetiva, pois queira ou não, quando os rituais viraram costumes, sobrou algo de sua significação, de seu sentido.

O que ocorreu foi que o sentido da religiosidade se obscureceu. Na nossa sociedade, a dita elite intelectual se desligou progressivamente dos padrões da religião tradicional e a santificação do “Tempo cósmico” tornou-se insignificante. Os deuses já não são acessíveis por meio dos ritmos cósmicos. O significado religioso da repetição dos gestos exemplares é esquecido. Ora, a repetição esvaziada de seu conteúdo conduz necessariamente a uma visão pessimista da existência. Quando deixa de ser um veículo pelo qual se pode restabelecer uma situação primordial e reencontrar a presença misteriosa dos deuses, quer dizer, quando é dessacralizado, o Tempo cíclico torna-se terrífico: revela-se como um círculo girando indefinidamente sobre si mesmo, repetindo se até o infinito. (ELIADE, 1992).

No caso da religiosidade ou espiritualidade, tem-se a idéia de transcendência, que revela-se pela tomada de consciência da altura infinita. O “muito alto” é um atributo da divindade. As regiões inacessíveis ao homem, adquirem a importância da realidade absoluta, da eternidade. Lá é a morada dos deuses; é lá que chegam alguns privilegiados, mediante ritos de ascensão; para lá se elevam, segundo as concepções de certas religiões, as almas dos mortos. O “muito alto” é uma dimensão inacessível ao homem na Terra; pertence às forças e aos seres sobre humanos. Aquele que se eleva subindo a escadaria de um santuário, ou a escada ritual que conduz ao Céu, deixa então de ser homem: passa a fazer parte da condição divina. (ELIADE, 1992).

Não se trata de uma operação lógica, racional. A categoria transcendental da “altura”, do infinito se revela ao homem como um todo, tanto à sua inteligência como à sua alma. É uma tomada de consciência em face do Céu, o homem descobre ao mesmo tempo a incomensurabilidade divina e sua própria situação no Cosmos.

“O Céu revela, por seu próprio modo de ser, a transcendência, a força, a eternidade. Ele existe de uma maneira absoluta, pois é elevado, infinito, eterno, poderoso.”(ELIADE, 1992, pg101).

Eliade (1992) diz que é como se os deuses tivessem criado o Mundo de tal maneira que ele não pudesse refletir-lhes a existência; pois nenhum mundo é possível sem a verticalidade, e esta dimensão, por si só, basta para evocar a transcendência.

Retirado da vida religiosa propriamente dita, o sagrado permanece ativo por meio do simbolismo. Um símbolo religioso transmite sua mensagem mesmo quando deixa de ser compreendido, conscientemente, em sua totalidade, pois um símbolo dirige-se ao ser humano integral, e não apenas à sua inteligência.

Novamente enfatizo a importância dos símbolos para o projeto, desse resgate ontológico e antropológico para dar sentido a um conjunto de símbolos e materias que aparentemente, sob a designação “ecumênico” poderia parecer

contraditório ou vazio. Para mim, foi muito importante fazer esse resgate, da dimensão histórico-sagrada do homem.

Já acerca da decisão da necrópole (ao invés de crematório);

“E nas Coéforas Esquilo glorifica a Terra, que “dá à luz todos os seres, nutre os e depois recebe deles de novo o germe fecundo”. (ELIADE, 1992, pg117).

A crença de que os homens foram paridos pela Terra é universal. Em várias línguas o homem é designado como aquele que “nasceu da Terra”.

É uma experiência religiosa atávica, da autoctonia: as pessoas sentem-se pertencentes ao lugar. Este sentimento de “estrutura cósmica” ultrapassa a solidariedade familiar e ancestral.

“Ao morrer, deseja se reencontrar a Terra Mãe, ser enterrado no solo natal. “Rasteja para a Terra, tua mãe!”, diz o Rig Veda (X, 18, 10). “Tu, que és terra, deito te na Terra”, está escrito no Atharva Veda (XVIII, 4, 48). “Que a carne e os ossos voltem à Terra!”, pronuncia se durante as cerimônias funerárias chinesas. As inscrições sepulcrais romanas trazem o medo de ter as cinzas enterradas em outros lugares, e, sobretudo, a alegria de reintegrá-las à pátria: *hic natus hic Bitus est* (CIL, V, 5595: “aqui nasceu, aqui foi colocado”): *bic situs est patriae* (VIII, 2885); *hic quo natus fuerat optans erat illo reverti* (V, 1703: “ lá onde nasceu, para lá desejou regressar”).” (ELIADE, 1992, pg118).

“Ora, a aparição da Vida é, para o homem religioso, o mistério central do Mundo. A Vida “vem” de qualquer parte que não é este mundo e, finalmente, retira-se daqui de baixo e “vai-se” para o além, prolongando-se de maneira misteriosa num lugar desconhecido, inacessível à maior parte dos vivos. A vida humana não é sentida como uma breve aparição no Tempo, entre dois Nadas; é precedida de uma preexistência e prolonga-se numa pós-existência. Muito pouco se conhece acerca desses dois estágios extraterrestres da Vida humana, mas sabe-se pelo menos que eles existem. Para o homem religioso, portanto, a morte não põe um termo definitivo à vida: a morte não é mais do que uma outra modalidade da existência humana.” (ELIADE, 1992, pg123).

A morte não é tão impactante então. O cemitério torna-se aí uma espécie de mediador entre o homem religioso e o homem a-religioso, já que para este ao mesmo tempo que local o fará consciente de sua própria posição (pessimista), também o confortará com certos simbolismos. Já para o homem religioso, será um local desprovido de eufemismos, mas carregado de uma simbologia e de uma brutalidade, assertividade, talvez demasiado pesadas. Um local para o Ser e para o Nada.

De acordo ainda com o autor, jamais assistimos a uma total dessacralização do mundo, por exemplo, no Extremo Oriente, o que se chama “emoção estética” conserva ainda, mesmo entre os letrados, uma dimensão religiosa.

“Basta que imaginemos o que uma emoção estética dessa ordem pode tornar-se numa sociedade moderna para compreendermos como a experiência da santidade cósmica pode rarefazer-se e transformar-se até se tornar uma emoção unicamente humana: por exemplo, a da arte pela arte.” (ELIADE, 1992, pg128).

Os simbolismos agregam um novo valor a um objeto ou ação, sem com isso prejudicar seus valores próprios e imediatos. A “abertura” para o Mundo permite ao homem religioso uma existência consciente, e ao conhecer o Mundo, Ser.

Todas essas experiências são inacessíveis ao homem a-religioso, porque para este a morte foi dessacralizada e também porque já não vive num Cosmos propriamente dito; já não se dá conta de que ter um “corpo” e instalar-se numa casa equivale a assumir uma situação existencial.

A experiência mística fundamental, representada na superação da condição humana, é expressa pela rotura do telhado e o vôo nos ares. Estas duas imagens exprimem a rotura de nível ontológico e a passagem de um modo de ser a outro, ou, mais exatamente, a passagem da existência condicionada a um modo de ser não condicionado, de liberdade. Retomaremos esses simbolismos no capítulo de Diretrizes Projetuais.

“Assim como a habitação de um homem moderno perdeu os valores cosmológicos, também seu corpo foi igualmente privado de todo significado religioso ou espiritual. Poder-se-ia dizer, em resumo, que, para os modernos desprovidos de religiosidade, o Cosmos se tornou opaco, inerte, mudo: não transmite nenhuma mensagem, não carrega nenhuma “cifra”. (ELIADE, 1992, pg 145).

5.2.3 RITOS DE PASSAGEM

“Para certos povos, só o sepultamento ritual confirma a morte: aquele que não é enterrado segundo o costume não está morto. Além disso, a morte de uma pessoa só é reconhecida como válida depois da realização das cerimônias funerárias, ou quando a alma do defunto foi ritualmente conduzida a sua nova morada, no outro mundo, e lá foi aceita pela comunidade dos mortos. Numa perspectiva a religiosa da existência, todas as “passagens” perderam seu caráter ritual, quer dizer, nada mais significam além do que mostra o ato concreto de um nascimento, de um óbito ou de uma união sexual oficialmente reconhecida. Acrescentemos, porém, que raramente se encontra uma experiência completamente a religiosa da vida total em estado puro, mesmo nas sociedades mais secularizadas. É possível que uma tal experiência completamente a religiosa se torne mais corrente num futuro mais ou menos longínquo; mas por ora é ainda rara.” (ELIADE, 1992, pg151).

Então apesar da secularização radical de rituais de passagem; da morte, do casamento e do nascimento, ainda subsistem, apesar de tudo, vagas recordações e nostalgias de comportamentos religiosos abolidos.

O homem a religioso esforça-se por se “esvaziar” de toda religiosidade e de todo significado trans-humano. Ao contrário de seu predecessor, ele reconhece a si próprio na medida em que se “liberta” e se “purifica” das “superstições” de seus antepassados. Mas, queira ou não, ele ainda conserva vestígios do comportamento religioso - apesar de esvaziado de seus significados -, e não pode abolir definitivamente seu passado, porque ele

próprio é herdeiro e produto desse passado. É constituído por uma série de negações e recusas, mas continua a ser assediado pelas realidades que recusou e negou:

“Para obter um mundo próprio, dessacralizou o mundo em que viviam seus antepassados; mas, para chegar aí, foi obrigado a adotar um comportamento oposto àquele que o precedia – e ele sente que este comportamento está sempre prestes a reatualizar-se, de uma forma ou outra, no mais profundo de seu ser.” (ELIADE, 1992, pg 166).

“O simbolismo e o ritual iniciáticos que comportam ser engolido por um monstro desempenharam um papel considerável tanto nas iniciações como nos mitos heróicos e nas mitologias da Morte. O simbolismo do regresso ao ventre tem sempre uma valência cosmológica. É o mundo inteiro que, simbolicamente, regressa com o neófito à Noite cósmica para poder ser criado de novo, regenerado. Conforme vimos, recita-se o mito cosmológico com fins terapêuticos. Penetrar no ventre do monstro – ou ser simbolicamente “enterrado” ou fechado na cabana iniciática – equivale a uma regressão ao indistinto primordial, à Noite cósmica.” (ELIADE, 1992, pg159).

Esta passagem ilustra de forma esclarecedora a conotação imbuída no ritual de inumação. Como já foi mencionado, o ritual de cremação ainda não tem uma ampla aceitação na sociedade, pois não possui o caráter transcendente da cultura Oriental e de outros povos pagãos da Antigüidade. Já os judeus e, mais tarde por consequência, os cristãos, sempre rejeitaram a cremação e viram-na como indigna e não inconsistente com a reverência devida ao corpo humano, “templo da Santíssima Trindade”.

A cremação liga-se aos sistemas orientais (especialmente aos xintoístas, budistas e hinduístas), que acreditam assim libertar o espírito a fim de atingir o Ser impessoal, o nirvana.

Durante a revolução francesa, o Diretório Francês, a fim de desmoralizar a crença dos cristãos na ressurreição dos mortos, adotou a cremação, pois esta sempre foi usada como castigo, em casos flagrantes de imoralidade:

"E será que aquele que for tomado com o anátema será queimado a fogo, ele e tudo quanto tiver, porquanto transgrediu a aliança do Senhor, e fez uma loucura em Israel" (Js 7.15).

Até 1963 a disciplina canônica era contrária à cremação dos corpos dos fiéis falecidos e punia-os severamente, negando a Exéquia(encomendação do corpo) e a celebração das Missas de corpo presente, de sétimo e trigésimo dia. Hoje em dia:

"A Igreja aconselha vivamente que se conserve o piedoso costume de sepultar o cadáver dos defuntos; sem embargo, não proíbe a cremação, a não ser que haja sido eleita por razões contrárias à doutrina cristã" (Código de Direito Canônico, cânon 1176 par. 3).

O fato é que ainda permanece em muitos a visão da cremação como uma operação técnica com finalidade higiênica.

Todavia, os conteúdos e estruturas do inconsciente são o resultado das situações existenciais imemorais, sobretudo das situações críticas, e é por essa razão que o inconsciente apresenta uma aura religiosa. Toda crise existencial põe de novo em questão, ao mesmo tempo, a realidade do Mundo e a presença do homem no Mundo: em suma, a crise existencial é "religiosa", visto que, aos níveis arcaicos de cultura, o ser confunde se com o sagrado. Conforme vimos, é a experiência do sagrado que funda o mundo, e mesmo a religião mais elementar é, antes de tudo, uma ontologia." (ELIADE, 1992, pg 171).

Em outras palavras, o inconsciente é o resultado de inúmeras experiências existenciais, e não pode deixar de assemelhar-se aos diversos universos religiosos. Pois a religião é a solução exemplar de toda crise existencial, não apenas porque é indefinidamente repetível, mas também porque é considerada de origem transcendental e, portanto, valorizada como revelação recebida de um outro mundo.

A solução religiosa não somente resolve a crise, mas, torna a existência "aberta" a valores que já não são contingentes nem particulares, permitindo assim ao homem ultrapassar as situações pessoais e, alcançar o mundo do espírito.

O objetivo dessa alusão foi mostrar em que sentido mesmo o homem mais francamente a religioso partilha ainda, no mais profundo de seu ser, de um comportamento religiosamente orientado.

A atividade inconsciente do homem moderno continuamente lhe apresenta símbolos, e cada um tem uma certa mensagem a transmitir, tendo em vista assegurar o equilíbrio da psique ou restabelecê-lo. Conforme vimos, o símbolo torna o Mundo “aberto” e ajuda o homem religioso a alcançar o universal. É graças aos símbolos que o homem sai de sua situação particular e se “abre” para o geral e o universal;

“Os símbolos despertam a experiência individual e transmudam-na em ato espiritual, em compreensão metafísica do Mundo.” (ELIADE, 1992).

O homem a religioso das sociedades modernas ainda é alimentado e ajudado pelo seu inconsciente, sem que por isso alcance uma experiência e uma visão do mundo propriamente religiosa. O inconsciente oferece-lhe soluções para as dificuldades de sua própria existência e, neste sentido, desempenha o papel da religião, no sentido em que assegura-lhe a integridade;

“De certo ponto de vista, quase se poderia dizer que, entre os modernos que se proclamam a religiosos, a religião e a mitologia estão “ocultas” nas trevas de seu inconsciente – o que significa também que as possibilidades de reintegrar uma experiência religiosa da vida jazem, nesses seres, muito profundamente neles próprios.”

“De uma perspectiva cristã, poder-se-ia dizer igualmente que a não religião equivale a uma nova “queda” do homem: o homem a religioso teria perdido a capacidade de viver conscientemente a religião e, portanto, de compreendê-la e assumi-la; mas, no mais profundo de seu ser, ele guarda ainda a recordação dela, da mesma maneira que, depois da primeira “queda”, e embora espiritualmente cego, seu antepassado, o Homem primordial, conservou inteligência suficiente para lhe permitir reencontrar os traços de Deus visíveis no Mundo. Depois da primeira “queda”, a religiosidade caiu ao nível da consciência dilacerada; depois da segunda, caiu ainda mais profundamente, no mais fundo do inconsciente: foi “esquecida”. (ELIADE, 1992, pg173/174).

6 INTERPRETAÇÃO DA REALIDADE: OS CEMITÉRIOS DE CURITIBA

De acordo com o Serviço Funerário Municipal (SFM), - matéria de competência do Município, foi regulamentado através do Decreto 475, de 25 de novembro de 1987, mais tarde substituído pelo Decreto 696, de 27 de maio de 2001, e atualmente é regido pela Lei 10.595/02 -, em caso de falecimento o mesmo encontra-se vinculado ao Departamento de Serviços Especiais, junto à Divisão de Cemitérios, no âmbito da Secretaria Municipal do Meio Ambiente.

O SFM é integrado pelo serviço de atendimento ao público, Setor de Fiscalização e Setor de Estatística e tem como responsabilidade a execução, o controle, a organização e a fiscalização dos óbitos dentro do Município.

- **Atendimento ao Público** - Faz a triagem das famílias e as encaminha à funerária (permissionária) designada pelo sistema de escolha aleatória;
- **Setor de Fiscalização** - fiscaliza tanto os óbitos ocorridos nos hospitais e em entidades correlatas, quanto velórios;
- **Setor de Estatística** - realiza buscas desde 93 (quando o serviço passou a ser informatizado) para famílias que necessitam saber qual o Cartório onde foi registrado o Óbito; cria relatórios mensais sobre os óbitos.

Serviços que compreende o Funeral no Município de Curitiba; a Funerária responsável pelo atendimento realiza os seguintes serviços inclusos no valor da urna (caixão):

OBRIGATÓRIOS TARIFADOS PELA PREFEITURA

1. Preparação do corpo sem vida;
2. Fornecimento de urna;
3. Suporte para urna e 04(quatro) castiçais com velas;
4. Transporte de corpo sem vida.

FACULTATIVOS TABELADOS PELA PREFEITURA

1. Certidão ou Registro de Óbito;
2. Paramentos;
3. Ornamentação da urna;
4. Obtenção de documentos para funerais;
5. Véu em tule;

6. Maquiagem necrófila.

7. FACULTATIVAS ADQUIRIDAS LIVREMENTE PELOS USUÁRIOS, COMPREENDENDO:
 1. Aluguel de Capela;
 2. Aluguel de altares;
 3. Aluguel de banquetas;
 4. Aluguel de ônibus, para acompanhamento do féretro;
 5. Flores e coroas;
 6. Transporte de cadáveres humanos exumados;
 7. Tanatopraxia;
 8. Embalsamamento;
 9. Reconstituição;
 10. Cinerários;
 11. Cremação.

O Serviço Funerário Municipal não oferece assistência religiosa e espiritual e nem se responsabiliza pela cobrança desses serviços, por qualquer entidade religiosa e também não oferece transporte aos familiares.

“Artigo 5º: As empresas funerárias sediadas em outras localidade, somente poderão executar o serviço funerário no Município de Curitiba nas seguintes situações:
I - quando o óbito tenha ocorrido em Curitiba e a família opte em efetuar o sepultamento em outra cidade, desde que a funerária seja a do local onde o usuário possua domicílio há mais de 02 (dois) meses, comprovado mediante documentação hábil;
II - quando o óbito ocorrer em outro município e a família optar pelo sepultamento em Curitiba, com prévia autorização do Serviço Funerário Municipal de Curitiba.”

6.1 HISTÓRIA SOBRE OS CEMITÉRIOS DO MUNICÍPIO DE CURITIBA

Como já vimos, no século passado, os cidadãos mais ricos ou mais importantes, eram sepultados no interior das igrejas e aos menos abastados era dado o direito de sepultura em cova-rasa, em locais não muito distantes das vilas. Em Curitiba, a regra era a mesma, até a Carta Régia de 1801. A cidade crescia e a necessidade de campos santos se impunha, e a forte

corrente imigratória que aqui se instalou, no mesmo período, levou ao aparecimento das comunidades e seus próprios cemitérios. (PREFEITURA DE CURITIBA, 2012).

Datam do início do século XVIII os primeiros sepultamentos realizados no pequeno cercado do pátio da antiga matriz de Nossa Senhora da Luz de Curitiba. Com a chegada dos padres da Irmandade do Rosário, através de mão-de-obra escrava construiu-se em pedra e barro a Igreja do Rosário, que foi a segunda igreja de Curitiba.

Logo em seguida, chegaram os padres da Ordem dos Frades Menores Franciscanos, que construíram em 1737, a Capela de Nossa Senhora do Terço, em local próximo à Igreja Matriz. Em 1746, os Franciscanos fundaram a Ordem III de São Francisco e em 1752, começaram a construir um convento que funcionava anexo à Capela e em 1783 o mesmo foi abandonado devido às perseguições e restrições do Marquês de Pombal. Nessas dependências, há notícias da existência de catacumbas coletivas para sepultura de mortos, porém pouco usadas, em virtude de sua breve existência.

Alguns ricos proprietários da época chegaram a construir pomposas capelas em seus sítios, por iniciativa particular, que serviam de sepulturas para suas famílias. Outros, de sítios longínquos, preferiam trazer os mortos para a inumação nas igrejas. O transporte era difícil, através das veredas coloniais, tornando muitas vezes impossível a chegada dos corpos à Vila. Então permitiu-se que os falecidos em locais remotos fossem sepultados em locais profanos, desde que passado certo tempo, os familiares do morto se obrigassem a transladar os ossos para o local sagrado, sob pena de multa, se assim não o fizessem.

Em 1790 foi anunciada a criação dos três primeiros cemitérios públicos em Curitiba, que se tem notícia. O primeiro ficava no Descoberto da Conceição, o segundo ficava no povoado da Ribeira de Nossa Senhora do Amparo - Votuverava, em Rio Branco do Sul e o terceiro, na antiga povoação do Arraial

Queimado, próximo a atual cidade de Bocaiúva do Sul, cessando assim a difícil tarefa de transportar os mortos para a Vila.

Com a Carta Régia, criaram-se novos cemitérios a céu aberto, afastando os riscos até então existentes, devido ao ar impregnado das criptas dos templos, onde eram sepultados os corpos. Uma forte epidemia variólica que atacou a Vila de Curitiba e seus arredores, trouxe como consequência o aumento no índice de mortalidade, resultando na criação de Cemitério do Sítio do Mato, no lugar de mesmo nome, localizado a meia légua a leste da Vila, nas imediações onde fica hoje o bairro do Cristo Rei. Era o cemitério dos "bexiguentos", conforme se referia o Padre José Barbosa de Brito, vigário da Paróquia de Curitiba, que benzeu este campo santo no dia 1.º de Julho de 1815. Há registro de que por essa mesma época, outros 3 ou 4 cemitérios foram criados em outros bairros da paróquia, para sepultamentos dos acometidos de varíola. Mas, passado o surto epidêmico, não mais se teve notícias desses cemitérios. (PREFEITURA DE CURITIBA, 2012).

No ano de 1999, a Secretaria Municipal do Meio Ambiente mandou perfurar poços de monitoramento da qualidade de água em todos os cemitérios municipais, objetivando avaliar o índice de contaminação do lençol freático.

As gavetas provisórias do Cemitério Boqueirão e as covas provisórias do Cemitério do Santa Cândida destinam-se aos sepultamentos de emergência de pessoas, cujas famílias carentes não disponham de recursos e também de indigentes. Nesses termos, se a inumação tiver ocorrido no Santa Cândida, os familiares têm um prazo de 2 anos para efetuar o traslado para outro cemitério e caso tenha ocorrido nas gavetas provisórias do Boqueirão, o prazo para o traslado é de 3 anos, se adulto e 2 anos, se criança (idade média de 2 anos de idade). Decorrido este prazo e caso os familiares não tenham se manifestado, os restos mortais são removidos para o ossário geral de cada um desses 2 cemitérios.

6.2 CEMITÉRIO MUNICIPAL SÃO FRANCISCO DE PAULA – SF



FIGURA 6 – Vista aérea bairro São Francisco e Cemitério Municipal São Francisco de Paula.(FONTE: PREFEITURA DE CURITIBA)

O mais antigo da cidade de Curitiba é o Cemitério Municipal São Francisco de Paula, popularmente conhecido como Cemitério Municipal. Situa-se no bairro São Francisco, altitude de 920,02 m em relação ao nível do mar e o acesso principal pode ser feito pela Praça Padre João Sotó Maior.

Sua implantação foi iniciada em 1854, com o lançamento de sua pedra fundamental, logo após a emancipação política do Paraná com a proibição dos sepultamentos junto às igrejas. Inicialmente, o terreno pertencia ao padre Agostinho Machado de Lima (1842-1882), que cedeu à construção do cemitério em virtude da corrente de pensamento da época, a higienista, e das novas diretrizes do Governo Federal sobre saúde pública (CAROLLO, 1995).

O Cemitério Municipal é uma espécie de síntese da história curitibana. Foram sepultados nele os mortos da Revolução Federalista de 1894 e a mártir da crença popular, Maria Bueno. Também fazem-se notar os mausoléus,

simbolizando os estilos tanto arquitetônicos de várias épocas, quanto marcos da prosperidade da cidade de Curitiba, que florescia no ciclo da erva-mate.

O Cemitério possui uma área total de 51.414 m², 5.700 túmulos, tendo ocorrido aproximadamente 67.579 sepultamentos. Não dispõe de local específico para ossoário, sendo os mesmos acomodados no interior dos jazigos. Conta com uma área para administração, lojas comerciais, posto da guarda municipal, capelas mortuárias e área para os funcionários. Internamente, o cemitério está organizado espacialmente em quadras e ruas numeradas (CURITIBA, 2008b). Desde a sua concepção, possui a mesma área atual, tendo passado por diversas obras de infra-estrutura para melhoria do empreendimento.

Foi implantado sobre um alto topográfico, em local onde não há cursos hídricos ou nascentes em suas proximidades imediatas, com relevo levemente ondulado, sem alterações bruscas de declividade. Integra a bacia hidrográfica do Rio Belém. As águas pluviais são conduzidas por gravidade, captadas em bocas de lobo com grades de concreto. Há registros de ocorrência de alagamentos em dias de chuvas intensas em áreas isoladas do cemitério (CURITIBA, 2008b).

No portal estão abrigados não apenas a Administração do Cemitério, mas também o Departamento de Serviços Especiais, floriculturas e três capelas mortuárias (sendo uma ecumênica e duas católicas). Possui 5.700 túmulos e 72.787 sepultamentos (maio/2010).

Os túmulos eram empreendimentos familiares, então eram geralmente maiores que o padrão de 3 jazigos dos cemitérios-parques particulares.

A partir de 1993 a Administração Municipal iniciou um projeto de reestruturação neste Cemitério, através da Assessoria de Projetos Estratégicos da Prefeitura, sob a coordenação do arquiteto Fernando Popp. Tal projeto foi baseado no estudo do comportamento tanto da história da cidade, quanto deste Campo Santo, encaixando-se nos princípios de planejamento urbano adotados em Curitiba, desde a década de 70, com a integração de funções, serviços e respeito à memória em comum. (CURITIBA, 2008)

As capelas existentes foram retiradas e o Portal representando Cristo e Anjos, do artista ítalo-curitibano Franco Giglio, foi reaplicado no entorno do novo Portal de Honra, em escala mais adequada. Tal Portal, visto sob todos os ângulos da Praça, centraliza a entrada, com arcadas laterais, com uma galeria de cada lado, fazendo frente ao muro. Nessas galerias foram construídos o Serviço Funerário Municipal, boxes para alojarem as floriculturas e 3 capelas: Fraternidade Curitibana, São Miguel das Almas e Jesus Ressuscitado. Nas laterais do Portal, no interior do Cemitério, encontra-se a Administração e do outro lado, estão os sanitários, o vestiário, a copa e o almoxarifado. A rua que dava acesso ao Cemitério foi fechada para que este ficasse ligado à Praça.(CURITIBA, 2008)



FIGURA 7 – Portal de acesso - Cemitério Municipal São Francisco de Paula.(FONTE: PREFEITURA DE CURITIBA).



FIGURA 8 – Portal de acesso – Cemitério Municipal São Francisco de Paula.(FONTE: da autora).



FIGURA 9 – Serviços do Portal de acesso - Cemitério Municipal São Francisco de Paula.(FONTE: da autora).



FIGURA 10 – Cemitério Municipal São Francisco de Paula.(FONTE: da autora).



FIGURA 11 – Jazigo Familiar no Cemitério Municipal São Francisco de Paula.(FONTE: da autora).

FIGURA 12 – Capela do Cemitério Municipal São Francisco de Paula.(FONTE: da autora).

6.3 CEMITÉRIO MUNICIPAL DE SANTA CÂNDIDA – SC



FIGURA 13 – Vista aérea do cemitério Municipal Santa Cândida.(FONTE: PREFEITURA DE CURITIBA).

O Cemitério Municipal de Santa Cândida foi o quinto cemitério construído na cidade de Curitiba. Inaugurado em 1957, para suprir a necessidade de local para sepultamentos.

Localiza-se na Estrada Nova de Colombo, s/nº, no bairro Santa Cândida, altitude de 952,50 m em relação ao nível do mar, contido na bacia do Rio Atuba (CURITIBA, 2008b). É um cemitério tradicional, do tipo parque e em área descoberta, como pode ser visualizado na Figura 13.

O maior dos cemitérios municipais, o do Santa Cândida, possui área de 132.299,75 m²; 8.000 túmulos e aproximadamente 96.584 sepultados (CURITIBA, 2008b). Está organizado espacialmente em quadras e ruas (78 numeradas). Há dois locais específicos para acomodação de ossadas, um deles ainda sem uso.

Está inserido na bacia hidrográfica do rio Atuba, foi implantado em alto topográfico e dois corpos hídricos circundam a área externa, afluentes da margem direita do Rio Atuba. Por ser um cemitério do tipo parque, as águas pluviais são parcialmente infiltradas no solo quando em contato com a grama, ou captadas por meio de bocas de lobo gradeadas e galerias até o lançamento final nos cursos hídricos do entorno. Não há registros de ocorrência de alagamentos em dias de chuvas intensas (CURITIBA, 2008b).

6.4 CEMITÉRIOS PARTICULARES

“Agora que os conjuntos habitacionais populares parecem cemitérios, estes normalmente assumem forma imobiliária (Nice etc.). Inversamente, é admirável que, nas metrópoles americanas e na França por vezes também, os cemitérios tradicionais constituam os únicos espaço verdes, ou vazios, no gueto urbano. O fato de o espaço dos mortos ser o único ambiente vivível na cidade diz muito sobre a inversão de valores na necrópole moderna. Em Chicago, as crianças brincam nele, os ciclistas pedalam, os namorados se abraçam. Que arquiteto se atreveria a inspirar-se nessa verdade do atual dispositivo urbano para conceber uma cidade a partir dos cemitérios, de terrenos vagos e espaços

“malditos”? É verdade que isso seria a morte da arquitetura.”
(BAUDRILLARD, 1996, p. 173.).

Ou seja, o cemitério assume a função de “espaço vago” que a cidade carece para atividades lúdicas; se a arquitetura concebesse a cidade com muitos espaços vagos estaria proclamando a sua própria negação, pois a arquitetura depende do espaço construído e da sua reconstrução; entretanto, os espaços vagos como os cemitérios permitem um ambiente “vivível” (e eles o são porque há deterioração do urbano) e são, também, um elemento de valorização do entorno.

Isto não é 100% válido para a relação entre os cemitérios e o município de Curitiba, “cidade dos parques”.

Em relação aos cemitérios particulares, os famosos “cemitérios jardins”, cujo modelo foi importado dos Estados Unidos, há um motivo funcional por trás do surgimento destes. Como relata Mumford:

“De que forma aparecem inicialmente esses espaços bucólicos? Para buscar paz e tranquilidade, para isolar-se das vias de tráfego – não riam! – visitar os mortos. O cemitério Mount Auburn, em Boston, foi das primeiras áreas ajardinadas, abertas em vários acres de terra, destinada a ressuscitar os vivos bem como a solenemente abrigar os finados. Naquele desvairado mundo utilitário era o morto querido que gozava mais amplamente de um ambiente bom, enquanto os escuros porões das casas pareciam ser mais catacumbas do que lares para os vivos. A vida voltava à cidade por via do cemitério; tal como em mais de uma cidade a remoção de lápides tinha servido para transformar a necrópole em necessário espaço respiradouro para os bairros congestionados.” (MUMFORD, L. A Cultura das Cidades. Belo Horizonte, 1961, p.229.).

Ou seja, a remoção das lápides foi realizada a fim de dar passagem aos vivos, à cidade.

A origem desta questão não reside apenas em remoção das lápides, mas passa por todo um caminho de dessacralização da morte, como foi dito por Baudrillard, construído não só nas representações do espaço, mas que

também passa por mediações, como as do “espaço-mercadoria”, alienando o sujeito.

O foco do autor, no caso, é a relação do processo de dessacralização da morte com o avanço do capitalismo, que “ao aproximar vivos e mortos, transformou o que era sagrado em banal, capturado em forma de mercadoria.”(REZENDE, 2006).

Não é minha intenção continuar a analisar o processo de dessacralização da morte e do homem, mas sim constatá-lo para justificar o modelo de cemitério que acredito ser mais conveniente. Como veremos mais adiante, no Capítulo de Diretrizes, ao juntar o modelo de cemitério jardim, que de certo modo contribui para banalizar a morte, com um projeto arquitetônico expressivo e solene, pretendo resgatar o sagrado imemorial no homem a religioso.

Os cemitérios particulares são geralmente ecumênicos e tipo parque, e possuem uma tipologia muito semelhante entre si.

6.4.1 PARQUE IGUAÇU

Possui 150.000m² e está inserido numa área bem arborizada e próximo ao Parque Barigui. Conta com todo o complexo funcional num mesmo edifício térreo alongado. Assim como nos outros cemitérios estudados, não houve uma preocupação com a escolha da tipologia construtiva formal e com os materiais, no sentido de criar uma construção fúnebre “consciente”.



FIGURA 14 – Vista aérea - Cemitério Parque Iguaçu.(FONTE: ADÃO GESTOR IMOBILIÁRIO).



FIGURA 15 – Complexo funcional e de acesso - Cemitério Parque Iguaçu.(FONTE: ADÃO GESTOR IMOBILIÁRIO).

FIGURA 16 – Jazigo - Cemitério Parque Iguaçu.(FONTE: da autora).

6.4.2 CEMITÉRIO PARQUE MEMORIAL DA VIDA:

Situado em Ouro Fino, São José dos Pinhais, próximo ao Parque Iguaçu/Alto do Boqueirão, conta com 61.000m² e possui mais opções de jazigo.



FIGURA 17 – Complexo funcional e de acesso - Cemitério Parque Memorial da Vida.(FONTE: PARQUE MEMORIAL).



FIGURA 18 – Configuração dos Jazigos - Cemitério Parque Memorial da Vida.(FONTE: PARQUE MEMORIAL).

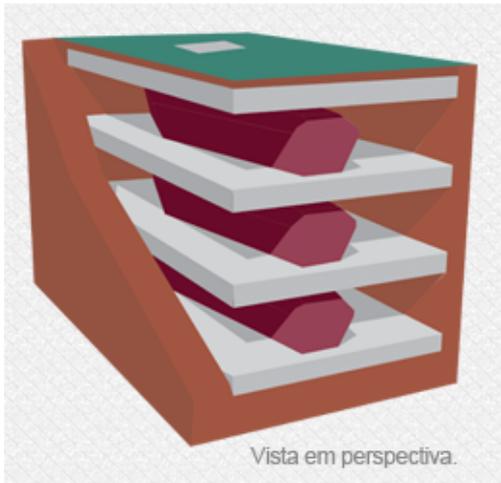


FIGURA 19 – Perspectiva dos Jazigos - Cemitério Parque Memorial da Vida.(FONTE: PARQUE MEMORIAL).

FIGURA 20 – Sala de velório - Cemitério Parque Memorial da Vida.(FONTE: PARQUE MEMORIAL).



FIGURA 21 – Sala de espera - Cemitério Parque Memorial da Vida.(FONTE: PARQUE MEMORIAL).

6.4.3 CEMITÉRIO PARQUE SENHOR DO BONFIM:

Localizado também em São José dos Pinhais, Guatupê. Possui cerca de 200.000m² e se encaixa no perfil “Americano” descrito por Mumford.

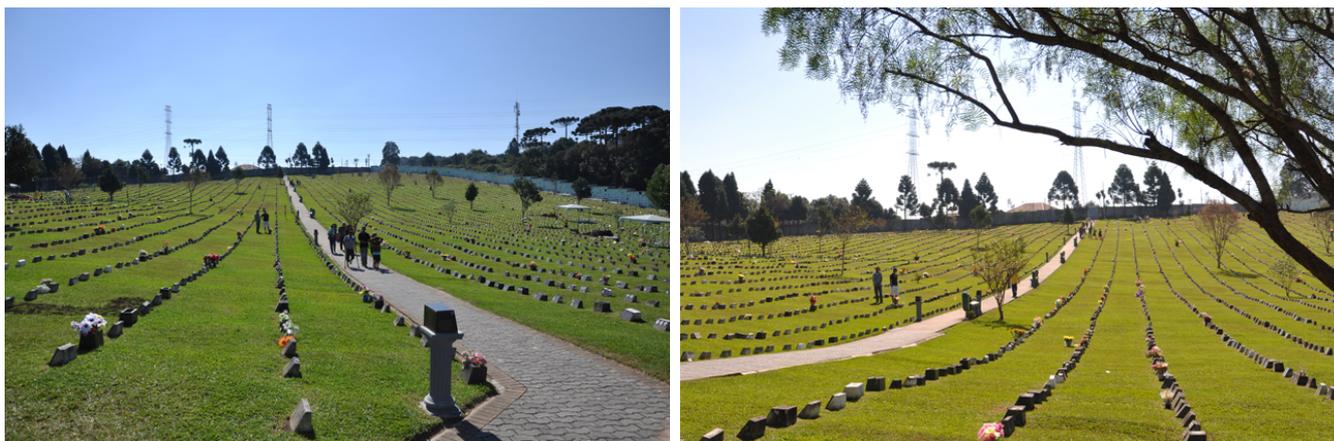


FIGURA 22 – Cemitério Parque Senhor do Bonfim.(FONTE: PARQUE BONFIM).

FIGURA 23 – Cemitério Parque Senhor do Bonfima.(FONTE: PARQUE BONFIM).

6.4.4 CEMITÉRIO PARQUE MEMORIAL GRACIOSA:

Localizado em Quatro Barras, achei este exemplo interessante por haver uma maior preocupação com o layout de fluxos e paisagismo do cemitério. A construção ainda carece de direcionamento.



FIGURA 24 – Cemitério Parque Memorial Graciosa.(FONTE: MEMORIAL GRACIOSA).



FIGURA 25 – Administração - Cemitério Parque Memorial Graciosa.(FONTE: MEMORIAL GRACIOSA).



FIGURA 26 – Cemitério Parque Memorial Graciosa.(FONTE: MEMORIAL GRACIOSA).



FIGURA 27 – Cemitério Parque Memorial Graciosa.(FONTE: MEMORIAL GRACIOSA).



FIGURA 28 – Cemitério Parque Memorial Graciosa.(FONTE: MEMORIAL GRACIOSA).

FIGURA 29 – Cemitério Parque Memorial Graciosa.(FONTE: MEMORIAL GRACIOSA).

6.4.5 CEMITÉRIO PARQUE JARDIM DA SAUDADE:

Situado no Portão, este exemplo em especial exhibe de forma notável o que eu não quero que o meu projeto transmita; a aparência de possuir qualquer outra função, menos a de edifício fúnebre.

Apesar da aparente boa condição econômica, tive a impressão de adentrar em um consultório odontológico, pelo padrão de móveis e materiais de locais comerciais. Este exemplo ilustra bem o jeito moderno, já citada no texto, de lidar com a morte; de forma dissimulada, tratando-a como um serviço. Os funerais modernos, quando não são despachados rapidamente, procedem de um formalismo vazio de conteúdo. Nesse caso, um termo de aspecto mais protocolar, como “cerimonial”, é mais adequado do que o termo “ritual”(que implica conteúdo e forma). Neste sentido, podemos dizer que a arquitetura do local foi feliz.



FIGURA 30 – Cemitério Parque Jardim da Saudade.(FONTE: JARDIM DA SAUDADE)



FIGURA 31 – Cemitério Parque Jardim da Saudade.(FONTE: JARDIM DA SAUDADE).

FIGURA 32 – Cemitério Parque Jardim da Saudade.(FONTE: JARDIM DA SAUDADE).



FIGURA 33 – Cemitério Parque Jardim da Saudade.(FONTE: JARDIM DA SAUDADE).



FIGURA 34 – Cemitério Parque Jardim da Saudade.(FONTE: JARDIM DA SAUDADE).



FIGURA 35 – Cemitério Parque Jardim da Saudade.(FONTE: JARDIM DA SAUDADE)

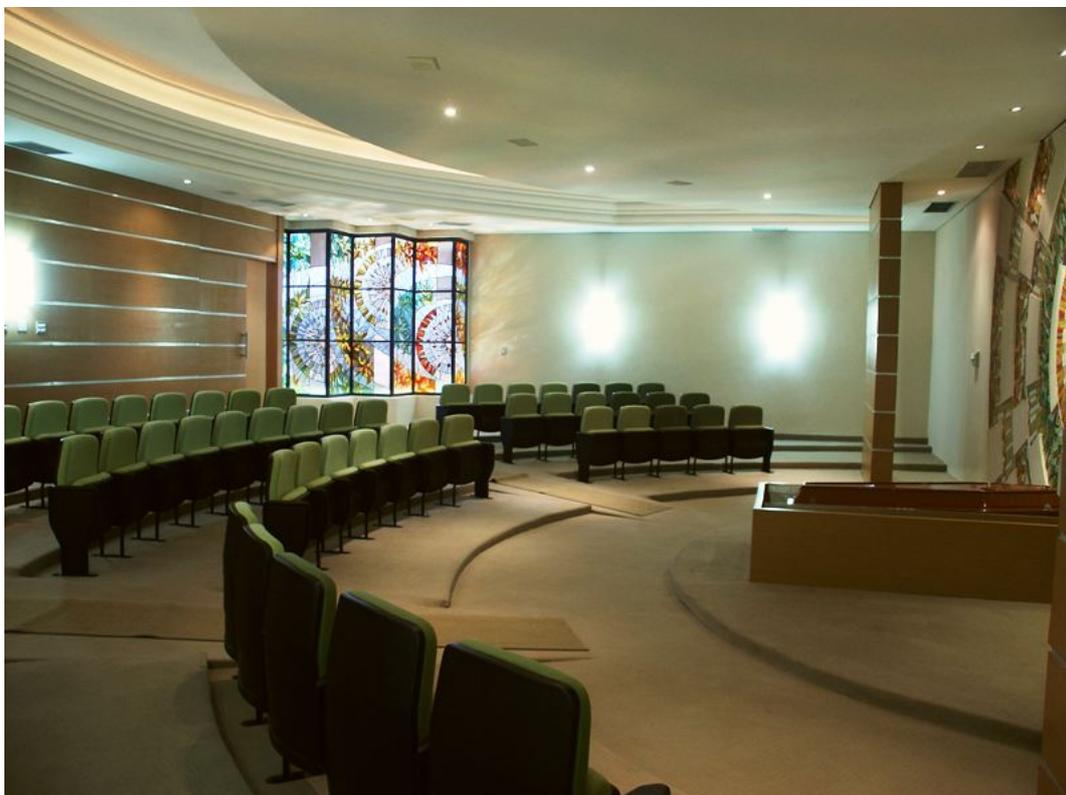


FIGURA 36 – Cemitério Parque Jardim da Saudade.(FONTE: JARDIM DA SAUDADE)

7 ESTUDOS DE CASO

7.1 CEMITÉRIO DE IGUALADA



FIGURA 37 – Cemitério de Igualada.(FONTE:ARCH DAILY)

Depois de 10 anos de construção, o Cemitério Igualada, projetado por Enric Miralles e Carme Pinos, nos arredores de Barcelona, Espanha, foi concluída em 1994. Exemplar na fusão entre arquitetura e paisagem, o parque-cemitério de Igualada está incrustado no terreno de uma antiga pedreira, em meio aos montes decepados pelo trabalho das máquinas. Lugar de reflexão e memória, é conformado por um fosso delimitado por muros de gabiões que incorporam os nichos inclinados, os túneis de concreto, as pedras, os ulmeiros e amendoeiras que acolhem os visitantes e formam um conjunto de silêncio carregado que chega a recriar a atmosfera de um templo, de uma cidade ausente, com um movimento velado, onde o tempo teima em não passar.



FIGURA 38 – Cemitério de Igualada.(FONTE: VERDETE).

FIGURA 39 – Acesso - Cemitério de Igualada.(FONTE:ARCH DAILY).



FIGURA 40 – Acesso - Cemitério de Igualada.(FONTE:ARCH DAILY)

O Cemitério Igualada é um projeto que foge das noções tradicionais do que faz um cemitério. O arquiteto procurou materializar a ideia de "cidade dos mortos", onde os mortos e os vivos são aproximados em espírito;

“E, a fim de que o salto da vida para a morte seja menos brusco, os habitantes construíram no subsolo uma cópia idêntica da cidade....na realidade, foram os mortos que construíram a Eusápia de cima semelhante à sua cidade. Dizem que nas duas cidades gêmeas não existe meio de saber quem são os vivos e quem são os mortos.” (CALVINO, 1972).

Por mais que o Cemitério Igualada seja, a princípio, um lugar para os mortos, é um lugar para àqueles que virão refletir na solidão e solenidade da paisagem criada.

A intenção de Miralles foi de incentivar a aceitação do “ciclo da vida”, para desta forma, um link entre passado, presente e futuro poder ser criado. Assim, o tempo se põem em movimento pois ser permanente é contrário à existência, as coisas estão sempre mudando.

Nas palavras do arquiteto:

“Rather than intervening on the land, here is a built work that now awaits intervention by its changing natural environment.

The conceptual foundation of the cemetery lies in the framework of passing of time. But the challenge manifested itself not in the ideal of the passing of time, but in the avoidance of death closely associated with cemeteries as well as finality.

The metaphysical relationship between the living and dead takes place as the necropolis or city of dead becomes place for the living and mortal time unfolds spatially.”

Sua obra desvela a beleza da imperfeição.



FIGURA 41 – Cemitério de Igualada.(FONTE:ARCH DAILY).



FIGURA 42 – Cemitério de Igualada.(FONTE:ARCH DAILY).



FIGURA 43 – Cemitério de Igualada.(FONTE:ARCH DAILY).

Incorporado nas montanhas, como se fosse um aspecto natural da terra, o cemitério foi concebido em camadas. Na entrada, há um conjunto de postes de aço cortain que funcionam como um portal do cemitério.



FIGURA 44 – Cemitério de Igualada.(FONTE:O VERDETE).



FIGURA 45 – Cemitério de Igualada.(FONTE:ARCH DAILY).

A partir daí, há um caminho sinuoso processional que desce para a área de enterro principal; um fosso reduzido delimitado e suportado por muros de gabiões que incorporam os nichos de túmulos e envolvem o espaço deprimido como uma transição de camada para camada. A circulação pelo cemitério adere a um efeito mais processional que se concentra menos na organização dos túmulos, mas sim a experiência.



FIGURA 46 – Cemitério de Igualada.(FONTE:ARCH DAILY).



FIGURA 47 – Cemitério de Igualada.(FONTE:ARCH DAILY).



FIGURA 48 – Cemitério de Igualada.(FONTE:ARCH DAILY).

No segundo nível do cemitério, os túmulos são mais tradicionais e espalham-se pelo terreno, ao contrário das parcelas de túmulos-mausoléu incrustadas no andar abaixo.



FIGURA 49 – Cemitério de Igualada.(FONTE:ARCH DAILY).



FIGURA 50 – Cemitério de Igualada.(FONTE:ARCH DAILY).



FIGURA 51 – Cemitério de Igualada.(FONTE:ARCH DAILY).



FIGURA 52 – Cemitério de Igualada.(FONTE:FLICKR).



FIGURA 53 – Cemitério de Igualada.(FONTE:FLICKR).



FIGURA 54 – Cemitério de Igualada.(FONTE:FLICKR).



FIGURA 55 – Cemitério de Igualada.(FONTE:FLICKR).



FIGURA 56 – Cemitério de Igualada.(FONTE:ARCH DAILY).



FIGURA 57 – Cemitério de Igualada.(FONTE:ARCH DAILY).

No segundo nível há uma capela, que parece inacabada, mas os aspectos inacabados não estão faltando, já que o cemitério inteiro é espacialmente nulo em definição e detalhe. Essa falta de informações e detalhamento complementa as sensações gerais do projeto, onde os espaços são abertos e vazios, a fim de reter as experiências de solidão.



FIGURA 58 – Cemitério de Igualada.(FONTE:O VERDETE).



FIGURA 59 – Cemitério de Igualada.(FONTE:O VERDETE).



FIGURA 60 – Cemitério de Igualada.(FONTE:O VERDETE).

Os materiais são o elemento que dá unidade ao projeto. Os muros de gabião, o concreto com aspecto envelhecido, e os dormentes de madeira embutidos no chão de pedra evocam a paisagem das colinas circundantes. Os tons terrosos dos materiais criam uma estética natural dando a aparência de que o cemitério sempre foi parte do local.

O cemitério pode, assim, ser considerado como a arquitetura da terra, o que envolve uma valorização/exaltação da topografia - isto é, da terra, visível e física, bem como das memórias contidas nela. Um local onde a natureza não é mais entendida como o oposto problemático da cultura, e a morte já não é a mera antítese da vida.

O próprio Miralles, após sua morte repentina em 2000, foi enterrado no Cemitério de Igualada.

7.2 TANATÓRIO MUNICIPAL DE LÉON – LÉON, ESPANHA



FIGURA 61 – Tanatário Municipal de Léon.(FONTE:ARCH DAILY).

Projetado pelos arquitetos Jordi Badia e Josep Val (BAAS Arquitectos) em Léon, na Espanha, o tanatário - edifício onde são preparados os cadáveres para serem cremados ou sepultados - possui 3.200m². O projeto é de 1997, mas só foi construído em 2000.



FIGURA 62 – Tanatário Municipal de Léon.(FONTE:ARCH DAILY).

O programa se divide em basicamente 3 partes; pública, constituída de estacionamento e salas de espera, sala de condutores, oratório, salas de vigília e sala de descanso; privada, com parte administrativa básica (sala de reunião, de contratação, gerência, arquivo, depósito, vestiários, etc.) e serviços gerais (sala de ar condicionado, distribuidor, sala de máquinas, limpeza etc.) e finalmente, privada de serviço funerário(sala de reconhecimento, sala de tanatopraxia e laboratório).



FIGURA 63 – Tanatório Municipal de León – Implantação.(FONTE:ARCH DAILY).

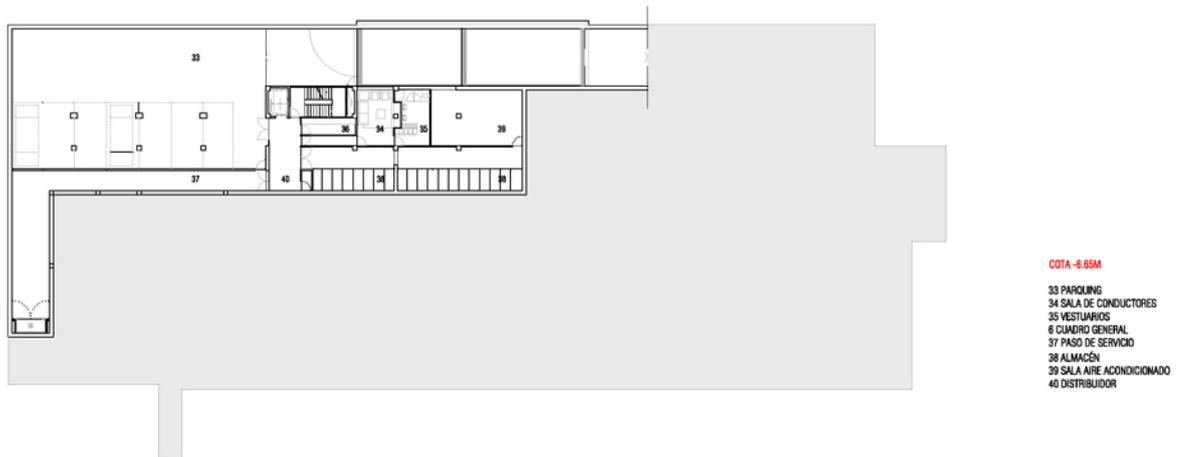


FIGURA 64 – Tanatario Municipal de León - Planta.(FONTE:ARCH DAILY).

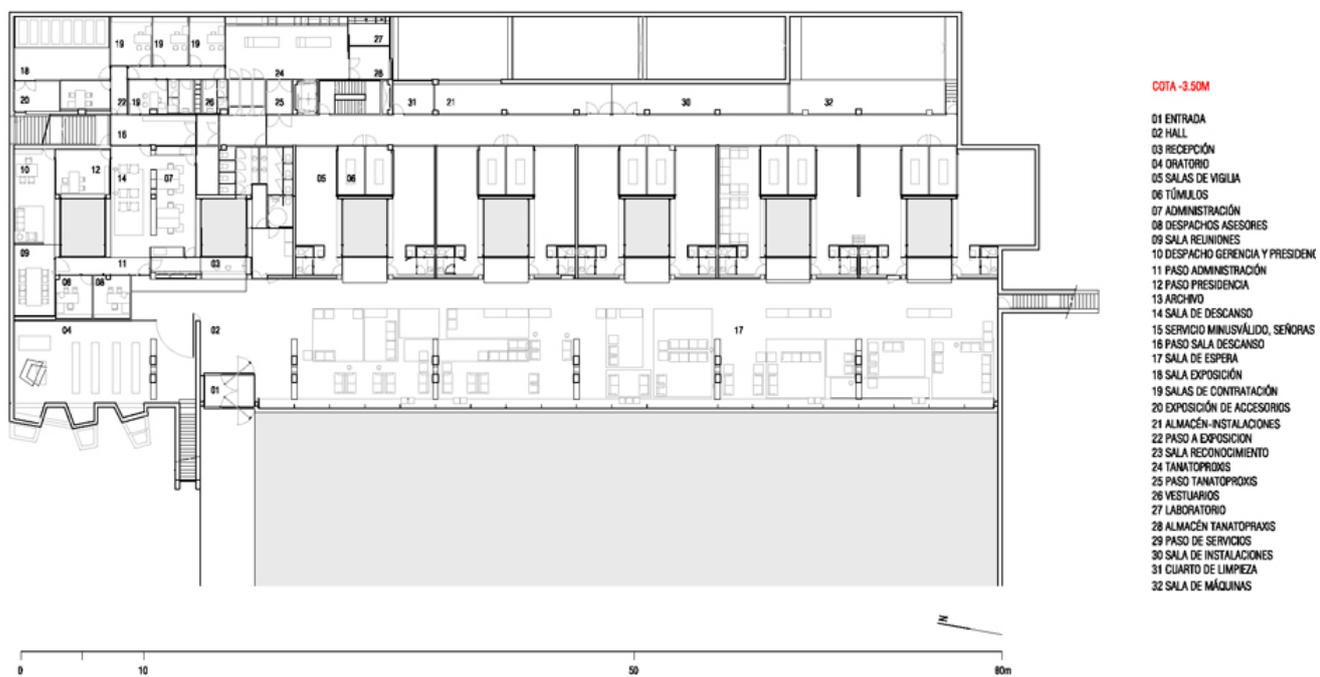


FIGURA 65 – Tanatario Municipal de León - Planta.(FONTE:ARCH DAILY).

O tanatório foi concebido como uma “tumba de túmulos”, como se o próprio edifício do tanatório estivesse sepultado, fazendo referência aos rituais de fúnebres.

A construção, que está quase que completamente enterrada, dissimulando seu volume e significação, fica camuflada devido à proximidade a uma área residencial.

Por esse motivo, não há fachadas viradas à rua e o elemento com maior visibilidade - que funciona como fachada única - é o teto, revestido de um espelho d'água, e que reflete o céu de León como uma “alegoria da morte”. Tudo o que emerge do espelho d'água são os “dedos misteriosos em busca de luz para a oração”.



FIGURA 66 – Tanatório Municipal de León.(FONTE:ARCH DAILY)

As clarabóias feitas de concreto que emergem do solo, se fazem juntamente com uma grande rampa, também em concreto, que desce suavemente para baixo da terra e é por onde se dá a entrada.

O interior do edifício, todo em betão com aplicações de madeira, é iluminado exclusivamente por pátios e clarabóias com visão exclusiva para o céu. A sobriedade do conjunto convida à reflexão e ao silêncio.



FIGURA 67 – Tanatário Municipal de León.(FONTE:ARCH DAILY).

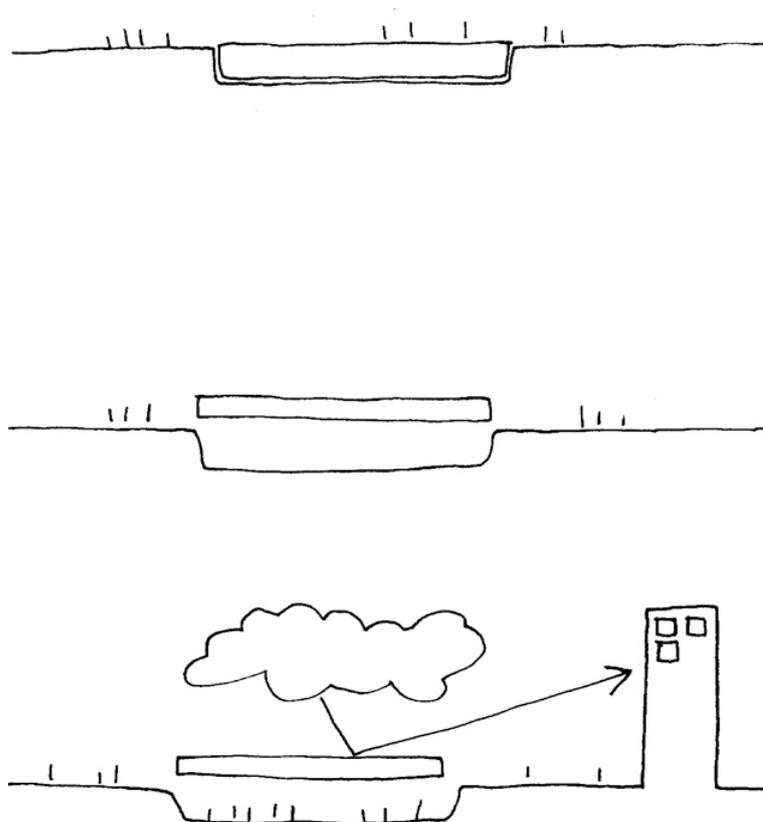


FIGURA 68 – Tanatário Municipal de León - Esquema.(FONTE:ARCH DAILY).

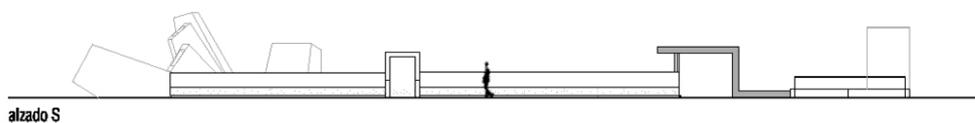


FIGURA 69 – Tanatário Municipal de León – Elevação Sul.(FONTE:ARCH DAILY).



FIGURA 70 – Tanatário Municipal de León – Elevação Oeste.(FONTE:ARCH DAILY).

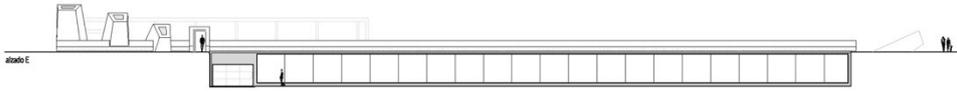


FIGURA 71 – Tanatório Municipal de León – Elevação Leste.(FONTE:ARCH DAILY).

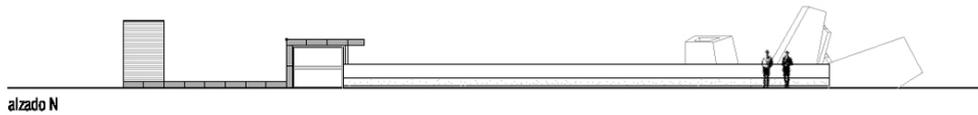


FIGURA 72 – Tanatório Municipal de León – Elevação Norte.(FONTE:ARCH DAILY).

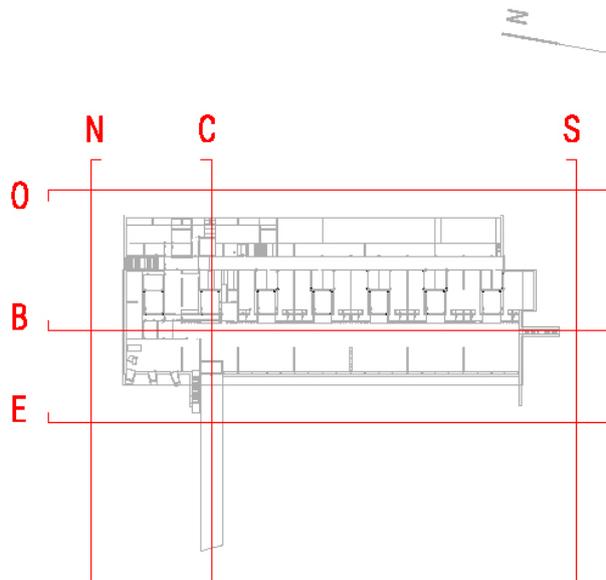


FIGURA 73 – Tanatório Municipal de León – Legenda cortes.(FONTE:ARCH DAILY).

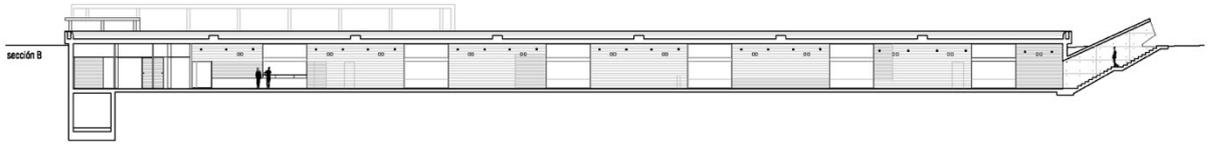


FIGURA 74 – Tanat6rio Municipal de L6on – Corte B.(FONTE:ARCH DAILY).

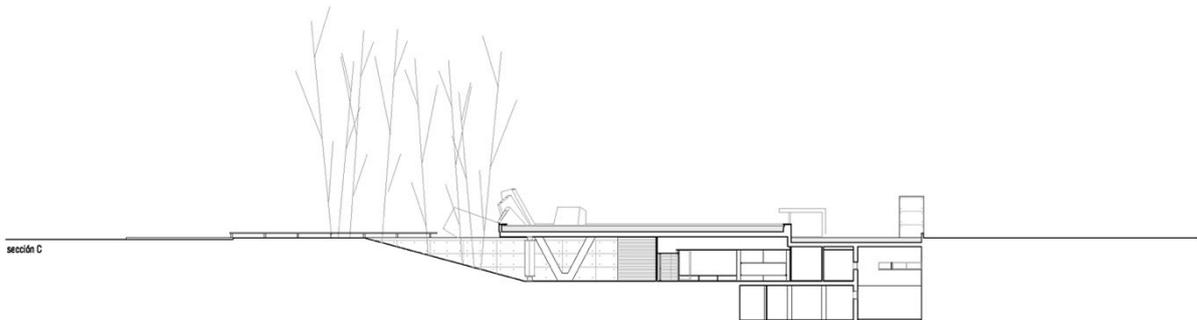


FIGURA 75 – Tanat6rio Municipal de L6on – Corte C.(FONTE:ARCH DAILY).

A s6rie de p6tios introduz espa7o e luz nas salas de vig6lia de sala de ora76o, onde a vis6o 6 apenas do c6u exterior.

O edif6cio 6 constru6do inteiramente em concreto, 6nico material apropriado para a constru76o de t6mulos e que lembra a cor da pedra bo7iar, presente por toda a cidade.



FIGURA 76 – Tanatório Municipal de León.(FONTE:ARCH DAILY).

No interior, há um painel de madeira que dobra sobre si mesmo para separar a entrada principal das salas de vigília.

A sala de espera é de madeira envernizada e tem vista para uma saliência coberta de hera cercado por bétulas. A iluminação é toda indireta a fim de criar uma atmosfera confortável, que sugere paz, tranquilidade e privacidade.

Todo o detalhamento do edifício é feito com elementos pretos, numa referência ao luto.

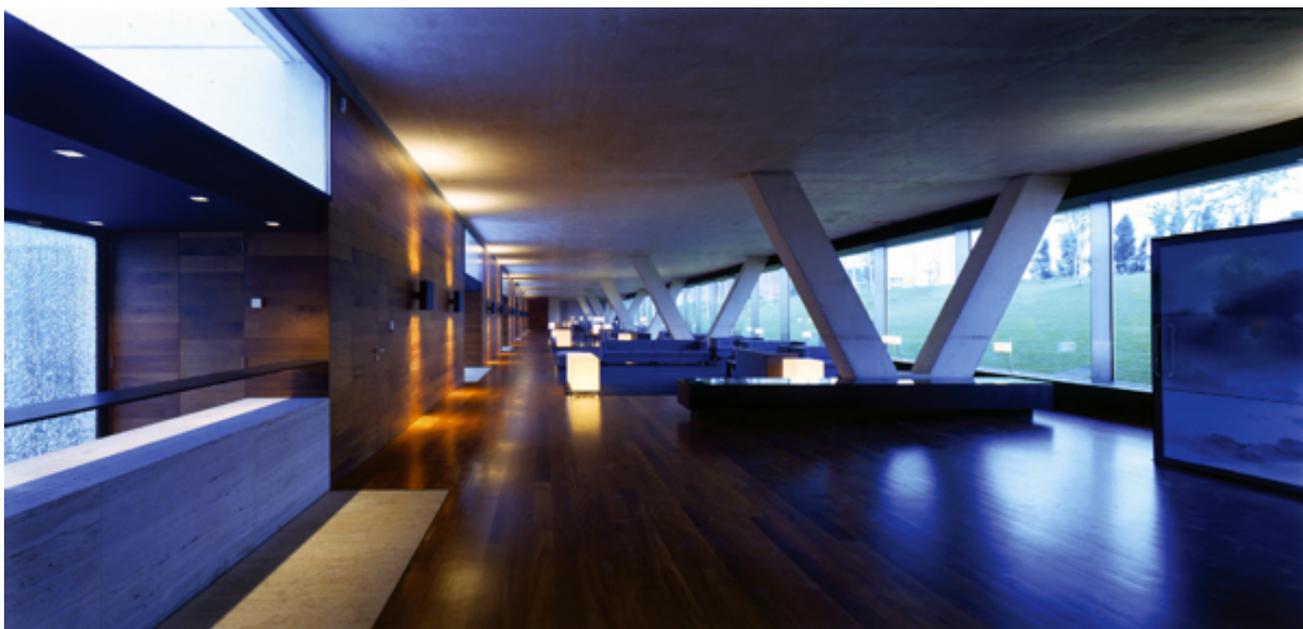


FIGURA 77 – Tanatório Municipal de Léon – Salas de Espera.(FONTE:ARCH DAILY).

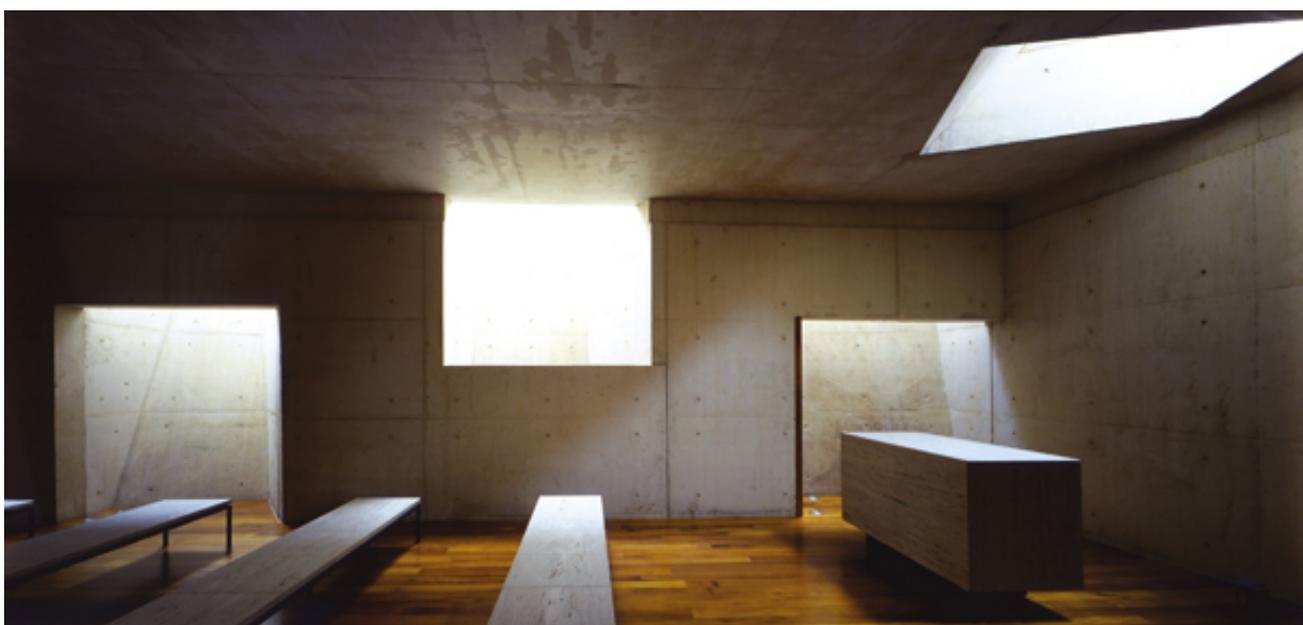


FIGURA 78 – Tanatório Municipal de Léon – Sala Oração.(FONTE:ARCH DAILY).



FIGURA 79 – Tanatário Municipal de León – Sala Oração.(FONTE:ARCH DAILY).

Nas palavras dos próprios arquitetos:

“Situado delante de una gran zona verde, demasiado cerca de un barrio residencial, el edificio se entierra bajo un estanque de agua para integrarse en el entorno natural y facilitar su relación con las viviendas vecinas. La sala de espera se abre a un gran talud de hiedra y abedules y se caracteriza con madera barnizada, grandes alfombras e iluminación indirecta para potenciar su aspecto comfortable. Las salas de vigilia se iluminan naturalmente a través de unos patios con agua que sugieren recogimiento y privacidad. La única fachada del edificio, la cubierta, refleja el magnífico cielo de León como alegoría de la muerte.”

É interessante notar o que acaba por transparecer do simbolismo do espelho d'água, já que a própria entrada no edifício simboliza a imersão na

água e esta imersão simboliza a regressão ao pré-formal, a reintegração no modo indiferenciado da preexistência. A emersão repete o gesto cosmogônico da manifestação formal; a imersão equivale a uma dissolução das formas. É por isso que o simbolismo das Águas implica a morte (tanto como o renascimento).

7.3 EXPANSÃO DO CEMITÉRIO DE ARMEA



FIGURA 80 – Cemitério Municipal de Armea.(FONTE:ARCH DAILY).

O projeto de expansão do cemitério municipal de Armea, em Sanremo, na Itália, foi projetado pelos arquitetos Amoretti e Calvi e concluído em 2003, abrangendo uma área de 5.600m².



FIGURA 81 – Cemitério Municipal de Armea.(FONTE:ARCH DAILY)

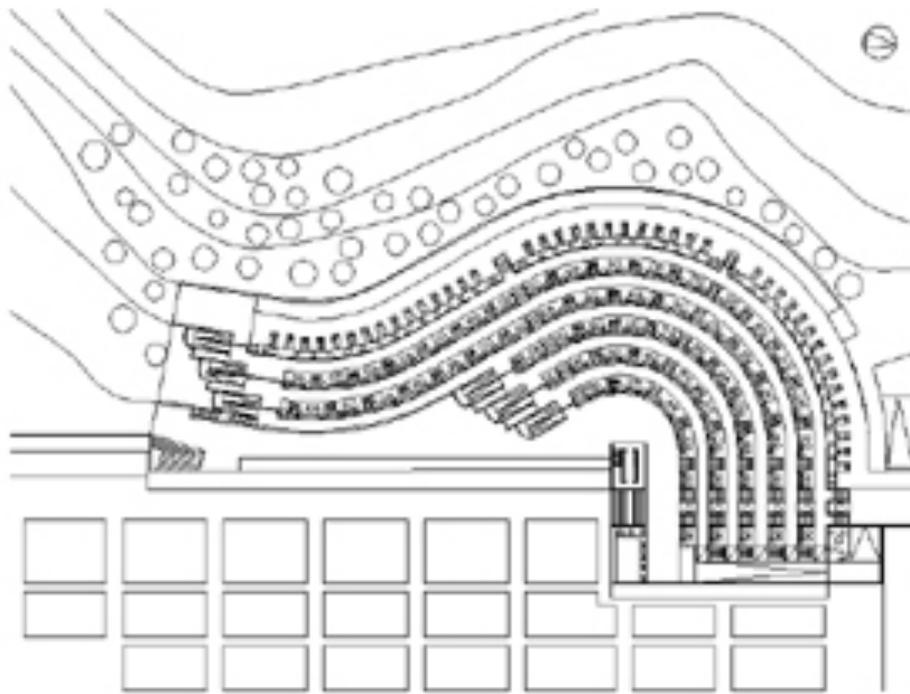


FIGURA 82 – Cemitério Municipal de Armea – Implantação.(FONTE:ARCH DAILY).

Segundo os próprios arquitetos, o planejamento de um cemitério reflete o planejamento da cidade: em muitos casos, envolve expandir as estruturas existentes, e assim, construir cemitérios periféricos.

No entanto, é comum encontrarmos estratificações desordenadas, onde

a relação entre a identidade do que existe e do que será construído não é levada em conta ou valorizada.

O projeto prevê uma expansão, em parte, auto-suficiente, o que inclui uma unidade formal e funcional com base no modelo Siedlungen: nos primeiros 40 anos os restos mortais serão sepultados no cemitério, em seguida, da tumba, após quarenta anos, os restos serão exumados e trasladados para um nicho individual situado em uma torre ossuário – "uma espécie de urna coletiva". Quarenta anos mais tarde, após os restos "terem perdido sua individualidade", os restos serão depositados em um ossuário ou urna de cinzas comuns, aonde permanecerão indefinidamente.

O processo natural de transformação dos restos mortais será seguido por uma sucessão de enterros, em uma passagem gradual do pessoal para o coletivo.

Ele tem três áreas de enterro principais: a área de sepultamento propriamente dita, a torre ossuário, e o ossuário de clausura.

O cemitério é cuidadosamente integrado na topografia natural do local, e tem uma densidade baixa de enterros: a sua forma sistemática deriva da estrutura orográfica. Os restos mortais serão sepultados em sarcófagos de mármore e em nichos de sepultamento parcialmente enterrados, identificado por uma lápide de cobertura.

A torre ossuária é feita de pequenos nichos individuais, estabelecidas para formar uma única urna coletiva, protegida por um portal de concreto. O ossuário comum e urna cinerária são colocados em um claustro: em um espaço protegido e íntimo. Os restos mortais, tendo neste tempo perdido sua individualidade, serão colocados em um espaço enclausurado, onde eles serão preservados para sempre.

A expansão é equipada com espaços de serviço para visitantes e funcionários, e é servido por três tipos de caminhos: de veículos, de pedestres e para os portadores de necessidades especiais.

As várias partes do cemitério foram construídos com dois tipos de pedras: o local de enterros com mármore Carrara Branco C, enquanto o local das ossadas foi construído com Calcário Vicoforte, em diferentes formas e aplicações: cascalho, concreto, argamassa e pedras. (AMORETTI E CALVI).



FIGURA 83 – Cemitério Municipal de Armea.(FONTE:ARCH DAILY).



FIGURA 84 – Cemitério Municipal de Armea.(FONTE:ARCH DAILY).

Para manter o cemitério perto da cidade a extensão foi construído na encosta acima do antigo cemitério. Os muros são de pedra local quebrada, as escadas de concreto pré-moldado, e os caminhos são cobertos de cascalho.

O claustro é um espaço fechado e protegido segurando apenas os elementos essenciais; dois bancos de pedra e duas lápides, um corte longo e estreito na parede de mármore abre a vista para o vale. O conceito para a expansão do Cemitério Armea é de um lugar onde o esquecimento convive com memória.



FIGURA 85 – Cemitério Municipal de Armea.(FONTE:ARCH DAILY).

FIGURA 86 – Cemitério Municipal de Armea.(FONTE:ARCH DAILY).

A concepção do planejamento funcional deste cemitério levou em conta, a futura ausência das pessoas que velam hoje seus mortos, definindo assim a morte como a fatal culminação do ciclo da vida e ao cemitério como o

receptáculo concebido para acolher o processo natural de transformação do corpo morto. Ou seja, a solução funcional que rege o programa deste cemitério – cujo objetivo primordial é evitar a saturação – se baseia no respeito tributado à memória dos que ali descansam e no inevitável esquecimento progressivo sobre eles, trazido pelo tempo. (MASSAD e YESTE).

Há uma necessidade de ver o corpo para a cultura Ocidental, a cremação ainda é um pouco impactante, sentida como se a pessoa estivesse morrendo novamente. De fato, só a razão é que pode distinguir um antes e um depois da morte, o imaginário se recusa a aceitar a ruptura e continua a ver naquele que acaba de morrer alguém que ainda não deixou a vida. (BAYARD, 1996).

Grande parte de sua existência é alimentada por pulsões que lhe chegam do mais profundo de seu ser, da zona que se chamou de inconsciente. Um homem exclusivamente racional é uma abstração; jamais o encontramos na realidade. Todo ser humano é constituído, ao mesmo tempo, por uma atividade consciente e por experiências irracionais. (ELIADE, 1992).



FIGURA 87 – Cemitério Municipal de Armea.(FONTE:ARCH DAILY).

Este cemitério apresenta a percepção religiosa dos espaços vazios e a compreensão da tumba como um lugar de partida e não de permanência.

8 DIRETRIZES GERAIS DE PROJETO

8.1 DIRETRIZES PROJETUAIS

As diretrizes de projeto resultantes da pesquisa apresentada ao longo desse volume serão convertidas em soluções espaciais na próxima etapa do Trabalho Final de Graduação. O produto final consistirá no anteprojeto de um cemitério ecumênico.

Buscar através de simbolismos uma arquitetura imbuída de emoção capaz de cobijar a sinceridade da dor profunda ante a morte de um ser querido, uma vez que falamos dos significados da morte para o homem contemporâneo – muito além de ser uma construção ou recinto protocolar aonde se abrigam os pranteadores ou se reúnem pessoas em datas específicas –, que lá possa intuir ou reconhecer a reflexão e o sentimento profundos acerca da morte em nosso tempo.

“...não é a variedade infinita das experiências religiosas do espaço que interessa, mas seus elementos de unidade” (ELIADE, 1992, pg59)

- Cemitério que valorize a área.
- Cemitério que extraia sentido mais profundo da morte, apesar de não ser imbuído de caráter diretamente religioso.
- Criar outro universo/atmosfera, mais austero, como que parado no tempo, local para contemplação e não para caminhadas desprezíveis.
- Considerando que não há problema de espaço(em comparação com países menores), não há porque não unir a função de cemitério com a necessidade de um espaço de luto.

A morte desestrutura, então no momento do luto é necessário que haja um espaço centralizador e que tenha sentido, um “imago mundi”.

É em última análise, um projeto atávico, que resgata essas heranças imemoriais a fim de criar uma atmosfera austera, mas também de “simplicidade”

“manifestando o sagrado, um objeto qualquer torna-se outra coisa e, contudo, continua a ser ele mesmo, porque continua a participar do meio cósmico envolvente.”(ELIADE, 1992, pg79)

- Cemitério que intenta atingir/emocionar o homem privado de sentimento religioso, o homem que vive, ou deseja viver, num mundo dessacralizado;
- Reencontrar as dimensões existenciais do homem religioso das sociedades arcaicas.

Premissas extraídas do livro “O sagrado e o Profano”:

“Para nosso propósito, basta-nos distinguir dois meios de transformar ritualmente a morada (tanto o território como a casa) em Cosmos, quer dizer, de lhe conferir o valor de *imago mundi*: (a) assimilando ao Cosmos pela projeção dos quatro horizontes a partir de um ponto central, quando se trate de uma aldeia, ou pela instalação simbólica do *Axis mundi* quando se trate da habitação familiar; (b) repetindo, mediante um ritual de construção, o ato exemplar dos deuses, graças ao qual o Mundo tomou nascimento do corpo de um Dragão marinho ou de um Gigante primordial.” (ELIADE, 1992, pg50).

Acerca da simbologia de certos materiais, como a água; em qualquer conjunto religioso em que as encontremos, as águas conservam invariavelmente sua função: desintegram, abolem as formas, “lavam os pecados”, purificam e, ao mesmo tempo, regeneram.

“Seu destino é preceder a Criação e reabsorvê-la, incapazes que são de ultrapassar seu próprio modo de ser, ou seja, de se manifestarem em formas. As Águas não podem transcender a condição do virtual, de germes e latências. Tudo o que é forma se manifesta por cima das Águas, destacando se delas”. (ELIADE, 1992, pg111).

As pedras, como hierofanias, revelam o poder, a firmeza, a permanência.

“A hierofania da pedra é uma ontofania por excelência: antes de tudo, a pedra é, mantém-se sempre a mesma, não muda – e impressiona o homem pelo que tem de irreduzível e absoluto, desvendando-lhe, por analogia, a irreduzibilidade e o absoluto do Ser. Captado graças a uma experiência religiosa, o modo específico de existência da pedra revela ao homem o que é uma existência absoluta, para além do Tempo, invulnerável ao devir.” (ELIADE, 1992, pg129).

A abertura superior significa a direção ascensional para o Céu, o desejo de transcendência. É importante, contudo, enfatizar que cada uma dessas imagens equivalentes – Cosmos, casa, corpo humano – apresenta ou pode apresentar uma “abertura” superior que possibilita a passagem para um outro mundo.

“O orifício superior de uma torre indiana tem, entre outros nomes, o de brahmarandhra. Ora, este termo designa a “abertura” que se encontra no alto do crânio e que desempenha um papel capital na ioga tântrica; é por aí também que se desprende a alma no momento da morte. Lembremos, a este propósito, o costume de quebrar o crânio dos iogues mortos para facilitar a saída da alma .

Esse costume indiano tem sua réplica nas crenças disseminadas pela Europa e Ásia, de que a alma do morto sai pela chaminé (orifício de fumaça) ou pelo telhado, principalmente pela parte do teto que se encontra acima do “ângulo sagrado”. (ELIADE, 1992, pg 142)

A imagem do estilhaçamento do teto significa que se aboliu toda a situação que se escolheu, que se optou não pela instalação no mundo, mas pela liberdade absoluta... implica o aniquilamento de todo mundo condicionado.

Em relação à porta/passagem(estreita), há uma correspondência estrutural entre as diversas modalidades de passagem: das trevas à luz (Sol), da preexistência de uma raça humana à manifestação (Antepassado mítico) da Vida à Morte e à nova existência *post mortem* (a alma).

O limiar concretiza tanto a delimitação entre o “fora” e o “dentro”, como a possibilidade de passagem de uma zona a outra (do profano ao sagrado). Mas são sobretudo as imagens da ponte e da porta estreita que sugerem a

idéia de passagem perigosa e que, por esta razão, abundam nos rituais e nas mitologias iniciáticas e funerárias.

“A iniciação, como a morte, o êxtase místico, o conhecimento absoluto, a fé (no judaísmo cristianismo), equivale a uma passagem de um modo de ser a outro e opera uma verdadeira mutação ontológica. Para sugerir essa passagem paradoxal (pois implica sempre uma rotura e uma transcendência), as diversas tradições religiosas utilizaram abundantemente o simbolismo da ponte perigosa ou da porta estreita.”(ELIADE, 1992, pg 148).

Propor um edifício de linguagem contemporânea que exemplifique e transmita a relação de respeito a todas essas premissas filosóficas explanadas no trabalho, expresso tanto pela composição de formas, soluções estruturais e tecnológicas, assim como pela adequada escolha de materiais.

Desenhar o percurso a ser seguido no cemitério em si, trabalhando os fluxos com o edifício central.

É objetivo dessa autora que a pesquisa e o projeto desenvolvidos para a graduação no curso de Arquitetura e Urbanismo da UFPR ofereçam uma contribuição ao debate sobre o papel do arquiteto e urbanista em promover os objetivos sociais e ambientais da construção funerária contemporânea. Espera-se também que o resultado desse trabalho seja uma expressão de valores filosóficos adquiridos e da satisfação que até o presente momento fez parte de sua execução.

8.2 PRÉ-PROGRAMA

O cemitério, composto de um amplo gramado, num parque gramado e arborizado, constituído de um edifício central, em conjunto de quadras de sepultamento, avenidas ou alamedas de circulação, área de estacionamento e recantos com bancos para descanso.

No edifício central, estarão localizados a administração, salas de velórios, salas de espera, capela ecumênica, floricultura e demais dependências necessárias ao atendimento dos objetivos da necrópole. Também contará com sala de atendimento psicológico/orientação religiosa.

No subsolo de cada jazigo serão construídas três gavetas para sepultamento. As gavetas serão em concreto pré-moldado ou em alvenaria de cimento e, internamente, terão aproximadamente 0,8m de largura, 0,6m de altura e 2,2m de comprimento.

O padrão de feitura sobre os jazigos serão as placas de bronze, mas poderá ser construída acima ou no nível da superfície do jazigo.

Ossuários/columbários com nichos individualizados

A concessão de uso local para jazigo, de caráter perpétuo, mas por herança, ...a concessão de uso é então transmitida de acordo com o desejo do falecido (provavelmente aos herdeiros conforme vocação hereditária)

Então;

- Estacionamento
- Administrativo
- Capela
- Floricultura
- Lanchonete/café
- Bwc's
- Vestiário, depósito e demais anexos funcionais
- Ossuário (torre)
- Sala de espera
- Oratório
- Sala de descanso

- Sala de velório

8.3 TERRENO

O critério usado para a escolha do terreno foi mínimo, pois na realidade seria necessário um estudo integrado do meio físico no município de Curitiba para estabelecimento de critérios que possam ser usados na locação adequada de Cemitérios. Procurei observar, além do tamanho evidentemente, um local onde a concentração de microbacias fosse o menor possível, além de claro, uma zona legal.

Bacias Hidrográficas, Bairros e Regionais de Curitiba - 2006



IPPUC Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba - SIN - Banco de Dados
Rua Bom Jesus, 669 :: Cabral :: Curitiba :: Paraná :: CEP 80035-010 :: Fone (41) 3250-1414 :: Fax (41) 3254-8661 :: E-Mail ippuc@ippuc.org.br

Localizado no Município de Pinhais, exatamente na divisa com Curitiba, possui aproximadamente 260.000m². Próximo ao Cemitério Parque Jardim da Saudade, unidade de Pinhais e ao Complexo Cerimonial de Pinhais – crematório e cemitério.

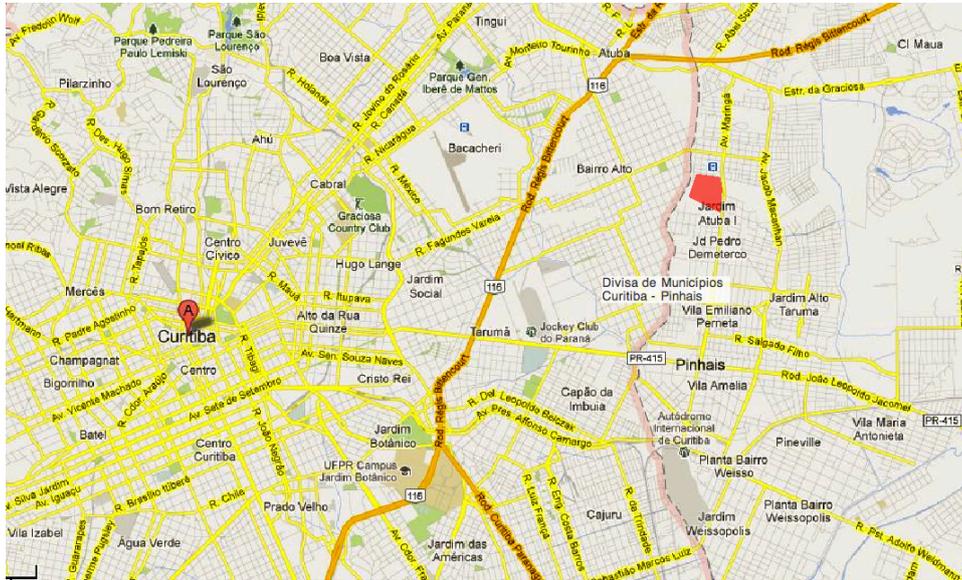


FIGURA 90 – Mapa Entorno do Terreno.(FONTE:GOOGLE)

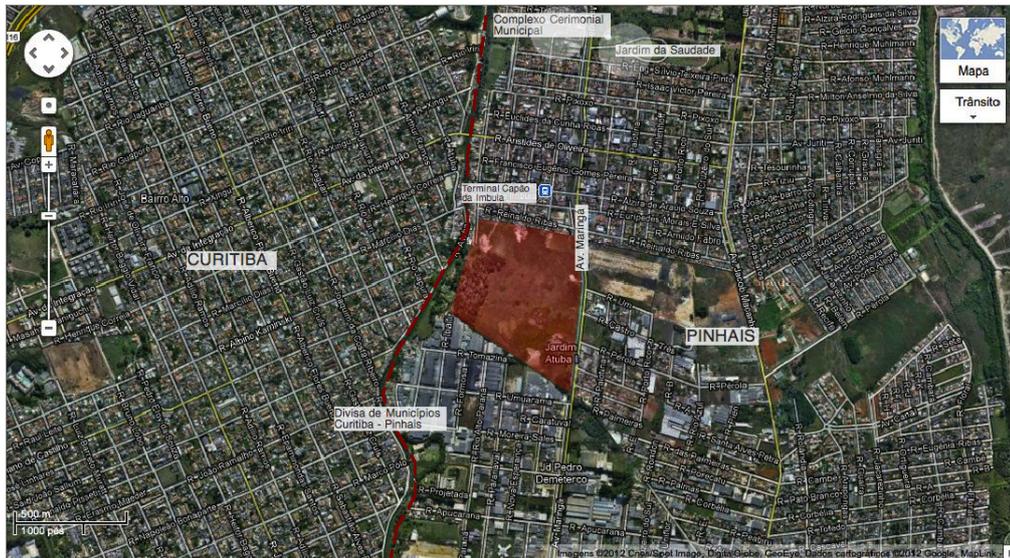


FIGURA 91 – Mapa do Terreno.(FONTE:GOOGLE)

Para uma próxima etapa, cogito especular a possibilidade de encontrar um terreno na região de São Luiz do Purunã, que diste cerca de 40km de Curitiba, pois além de ser uma região plana, é também alta, o que seria mais conveniente de compatibilizar com a questão do lençol freático e também pela bela paisagem e correspondência com a noção simbólica relatada no trabalho acerca de “alto”.

REFERÊNCIAS

ARGULLOF, R. **El cazador de instantes. Cuaderno de travesia 1990-1995.** Barcelona: Editorial Destino, 1996.

BAUDRILLARD, J. **A troca Simbólica e a Morte.** São Paulo, 1996.

BADINTER, E. **Um é o outro.** São Paulo: Editora Nova Fronteira, 1986.

BAYARD, J. **Sentido Oculto dos Ritos Mortuários: Morrer é Morrer?** São Paulo: Paulus, 1996.

BERGAMO, H. **Os Cemitérios – Um Problema de Engenharia Sanitária.** São Paulo: AIES, 1954.

BORGES, M. E. **Imagens devocionais nos cemitérios do Brasil.** Goiânia, 2009. Arquivo digital.

BORN, C. M. **Cemitérios Municipais de Curitiba: Instalações e Influência na Qualidade das Águas Subterrâneas.** Curitiba, Universidade Positivo, 2011.

BRASIL. Lei Federal nº 6938, de 31 de agosto de 1981. Dispõe sobre a Política Nacional do Meio Ambiente, seus fins e mecanismos de formulação e aplicação, e dá outras providências. **DOU**, Poder Executivo, Brasília, DF, 02/09/1981. Arquivo Digital.

CALVINO, Í. **Cidades Invisíveis.** São Paulo, Companhia das Letras, 1972.

CAROLLO, C. L. **Cemitério Municipal São Francisco de Paula: Monumento e Documento.** Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, 1995.

CASTRO FILHO, Leonel. **Cidade dos mortos ou lugar dos vivos? : estudos das características das manifestações sociais e suas implicações com a sociedade de União da Vitória a partir do Cemitério Municipal.** Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências da Terra, 2007.

CONAMA. **Resolução nº 335**, de 03 de abril de 2003. Licenciamento ambiental de cemitérios. Brasília. Arquivo Digital.

CONAMA. **Resolução nº 368**, de 28 de março de 2006. Altera dispositivos da Resolução nº 335 que dispõe sobre licenciamento ambiental de cemitérios. Brasília. Arquivo Digital.

CONAMA. **Resolução nº 396**, de 3 de abril de 2008. Dispõe sobre a classificação e diretrizes ambientais para o enquadramento das águas subterrâneas. Brasília. Arquivo Digital.

CONAMA. **Resolução nº 402**, de 17 de novembro de 2008. Altera os artigos 11 e 12 da Resolução nº 335, de 03/04/2003, que dispõe sobre o licenciamento ambiental de cemitérios. Brasília. Arquivo Digital.

CURITIBA, IPPUC. **Curitiba em Dados**. Curitiba: IPPUC, 2008. Arquivo Digital.

CURITIBA. Secretaria Municipal do Meio Ambiente. **Plano de Controle Ambiental do Cemitério Municipal de Santa Cândida**. Curitiba: Prefeitura Municipal de Curitiba, 2008. Arquivo Digital.

CURITIBA. Secretaria Municipal do Meio Ambiente. **Plano de Controle Ambiental do Cemitério Municipal de São Francisco de Paula**. Curitiba: Prefeitura Municipal de Curitiba, 2008. Arquivo Digital.

CURITIBA. Secretaria Municipal do Meio Ambiente. **Monitoramento da qualidade da água do aquífero freático nos cemitérios municipais do Água Verde, Boqueirão, Santa Cândida e São Francisco de Paula**. Curitiba: Prefeitura Municipal de Curitiba, 2008. Arquivo Digital.

CURITIBA. Secretaria Municipal do Meio Ambiente. **Monitoramento da qualidade da água do aquífero freático nos cemitérios municipais do Água Verde, Boqueirão, Santa Cândida e São Francisco de Paula**. Curitiba: Prefeitura Municipal de Curitiba, 2008. Arquivo Digital.

CYMBALISTA, R. **Cidades dos vivos : arquitetura e atitudes perante a morte nos cemitérios do estado de São Paulo**. São Paulo: Annablume: FAPESP, 2002.

DEFFONTAINES, P. **Posições de Geografia Humana – Por que Geografia Humana**. São Paulo, 1959.

- EGGENER, K. **Cemeteries**. Atlanta: Library of Congress Visual Sourcebooks, 1993.
- ELIADE, M. **O Sagrado e o Profano**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- GILI, M. **La última Casa**. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1999.
- JACOBS, J. Houses of Life: **Jewish Cemeteries of Europe**. Boston: Longstreet Press, 2000.
- KROLL, A. **AD Classics: Igualada Cemetery / Enric Miralles & Carme Pinos**. ArchDaily, 2011. Arquivo Digital
- KÜBLER-ROSS, E. **Sobre a Morte e o Morrer**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- MATOS, B.A.; BASTIANON, D.; BATELLO, E.; PACHECO, A.; PELIZZARI, V.; MENDES, J.M. **Contaminação do Aquífero Livre em Cemitérios: Estudo de Caso**. São Paulo: ABAS, 1998.
- MIGLIORINI, R. B. **Cemitérios contaminam o meio ambiente?** Cuiabá: EdUFMT, 2002.
- MUMFORD, L. **A Cultura das Cidades**. Belo Horizonte, 1961.
- PACHECO, A. **Os cemitérios e o meio ambiente**. São Paulo: Instituto de Geociências, Universidade de São Paulo, 1986.
- PACHECO, A.; BATELLO, E. **A Influência de Fatores Ambientais nos Fenômenos Transformativos em Cemitérios**. São Paulo: Revista Engenharia e Arquitetura, 2000.
- PEGAYA, U. A. **Estudo Geográfico dos cemitérios de São Paulo**. São Paulo, 1967.
- PALLASMAA, J. **Los ojos de la piel - la arquitectura y los sentidos**. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2006.
- PIRES, A. S. **Espaço; cultura e sustentabilidade ambiental nos cemitérios de Curitiba, PR : o caso do Cemitério São Francisco de Paula**. Monografia (especialização) - Universidade Federal do Paraná, Setor de Tecnologia, 2006.

RAGON, M. **Space of Death: Study of Funerary Architecture, Decoration and Urbanism.** Chicago, 1998.

REZENDE, E. C. M. **O céu Aberto na Terra, uma Leitura dos Cemitérios de São Paulo.** São Paulo, 2006.

ROMANO, E. N. de L. **Caracterização do meio físico no Cemitério Municipal do Boqueirao e no Cemitério Municipal de Santa Cândida no município de Curitiba.** Dissertação(mestrado) - Universidade Federal do Paraná. Setor de Ciências Agrárias. 2003

TOWNSEND, E. **Death and Art: Europe 1200-1530.** Inglaterra, 1997.

TOWNSEND, C. **Art and Death.** Inglaterra, 2000.

WORPOLE, K. **Last Landscapes: The Architecture of the Cemetery in the West.**SãoFrancisco,2001.

YALOM, M. **The American Resting Place: 400 Years of History Through OurCemeteriesandBurialGrounds.**Minnesota,1999.

WEBGRAFIA

ARCH DAILY. Disponível em <www.archdaily.com>. Acesso s.d.

ARCHINFORM. Disponível em <<http://eng.archinform.net/projekte/5702.htm>>. Acesso s.d.

ARTE FUNERÁRIA NO BRASIL. Disponível em <<http://artefunerariabrasil.com.br/>>. Acesso s.d.

CONAMA. **Resolução nº 335**, de 03 de abril de 2003. Licenciamento ambiental de cemitérios. Brasília, DF, 5 p. Disponível em: <<http://www.mma.gov.br/port/conama/processos/61AA3835/LivroConama.pdf>>. Acesso s. d.

CONAMA. **Resolução nº 368**, de 28 de março de 2006. Altera dispositivos da Resolução nº 335 que dispõe sobre licenciamento ambiental de cemitérios. Brasília, DF, 2 p. Disponível em: <<http://www.mma.gov.br/port/conama/processos/61AA3835/LivroConama.pdf>>. Acesso s. d.

CONAMA. **Resolução nº 396**, de 3 de abril de 2008. Dispõe sobre a classificação e diretrizes ambientais para o enquadramento das águas subterrâneas. Brasília, DF, 11 p. Disponível em: <<http://www.mma.gov.br/port/conama/processos/61AA3835/LivroConama.pdf>>. Acesso s. d.

CONAMA. **Resolução nº 402**, de 17 de novembro de 2008. Altera os artigos 11 e 12 da Resolução nº 335, de 03/04/2003, que dispões sobre o licenciamento ambiental de cemitérios. Brasília, DF, 1 p. Disponível em: <<http://www.mma.gov.br/port/conama/processos/61AA3835/LivroConama.pdf>>. Acesso s. d.

CURITIBA. IPPUC. **Curitiba em Dados**. Paraná, 2008, 504 p. Disponível em: <<http://ippuc.org.br>>. Acesso em: s. d.

KROLL, Andrew . **"AD Classics: Igualada Cemetery / Enric Miralles & Carme Pinos"**. 13 Jan 2011. ArchDaily. <<http://www.archdaily.com/103839>>. Acesso em 09/10/2012.

LEIS FEDERAIS .Disponível em
<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l6938.htm>. Acesso s.d.

LEIS MUNICIPAIS. Disponível em <www.leismunicipais.com.br>. Acesso s.d.

PMC – PREFEITURA MUNICIPAL DE CURITIBA. Disponível em
<www.curitiba.pr.gov.br>. Acesso s.d..

PREFEITURA DE CURITIBA. Disponível em
<http://obituarios.curitiba.pr.gov.br/mase/cemiterios.asp>. Acesso s.d.

FONTES DE ILUSTRAÇÃO

ARCH DAILY. Disponível em <www.archdaily.com>. Acesso s.d.

ARCHINFORM. Disponível em <<http://eng.archinform.net/projekte/5702.htm>>. Acesso s.d.

CEMITÉRIO PARQUE IGUAÇU. Disponível em <<http://www.parqueiguacu.com.br/>>. Acesso s.d.

CEMITÉRIO PARQUE JARDIM DA PAZ. Disponível em <<http://jardimdapazcuritiba.com.br/>>. Acesso s.d.

CEMITÉRIO PARQUE JARDIM DA SAUDADE. Disponível em <<http://www.jardimdasaudade.com/>>. Acesso s.d.

CEMITÉRIO PARQUE MEMORIAL DA VIDA. Disponível em <<http://www.memorialda vida.com.br/>>. Acesso s.d.

CEMITÉRIO PARQUE MEMORIAL GRACIOSA. Disponível em <<http://www.memorialgraciosa.com.br/>>. Acesso s.d.

CEMITÉRIO PARQUE SAO PEDRO. Disponível em <<http://www.cemiterioparquesaopedro.com.br/>>. Acesso s.d.

IPPUC – INSTITUTO DE PESQUISA E PLANEJAMENTO URBANO DE CURITIBA. Disponível em <www.ippuc.org.br>. Acesso s.d.

OVERDETE. Disponível em <<http://overdete.blogspot.com.br/2006/05/igualada.html>>. Acesso s.d.

PREFEITURA DE CURITIBA. Disponível em <<http://obituarios.curitiba.pr.gov.br/mase/cemiterios.asp>>. Acesso s.d.

TRINITY EPISCOPAL CHURCH. Disponível em <<http://www.trinitychurchashland.org>>. Acesso s.d.

ADAOGESTOR IMOBILIÁRIO. Disponível em <<http://adaogestor.blogspot.com.br/2012/05/terreno-no-cemiterio-parque-iguacu.html>>. Acesso s.d.